



A. L. GARRAUX

Rua da Imperatriz, 36 e 38

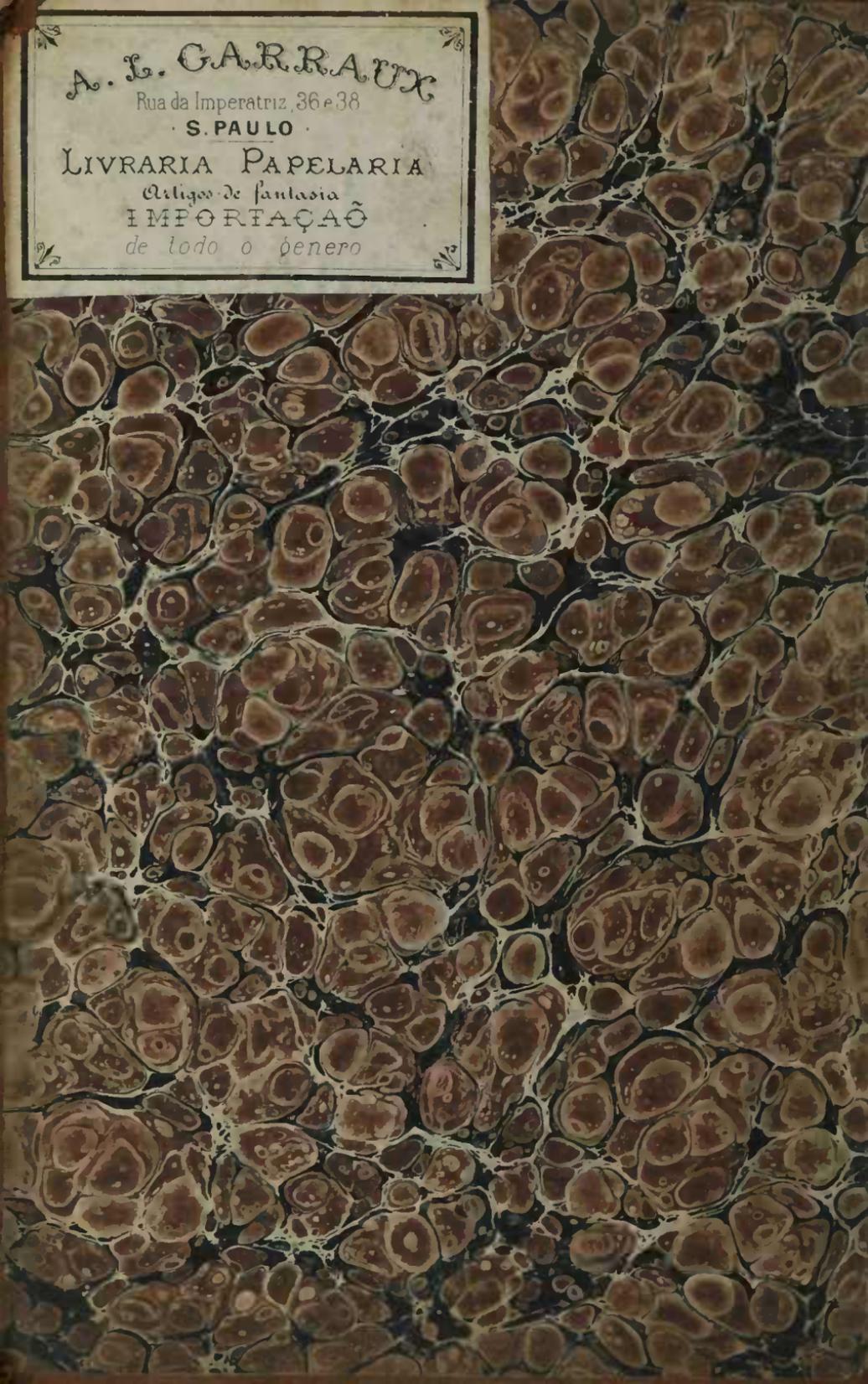
S. PAULO

LIVRARIA PAPELARIA

Artigos de fantasia

IMPORTAÇÃO

de todo o genero







# OS VOLUNTARIOS DA PATRIA



OS  
VOLUNTARIOS DA PATRIA

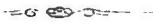
DRAMA EM 3 ACTOS

POR

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE

BARÃO DE SANTO ANGELO

*Adm. de F. de 1929  
J. M. de F. de 1929*



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1877



AO

ILLUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO

SENHOR VISCONDE DO RIO BRANCO

GRANDE DO IMPERIO, SENADOR,  
CONSELHEIRO D'ESTADO,  
LENTE DA ESCOLA CENTRAL,  
&c., &c., &c.

O. D. C.

Manoel de Araujo Porto-alegre,  
Consul geral do Brazil na Prussia e na Saxonia.



Blacowitz, 14 de junho de 1866

Excellentissimo amigo e Senhor!

Aqui, na margem do formoso Elba, e á espera de grandes eventos sobre a sorte politica da Prussia ou da Austria, que se apparelham para uma guerra medonha, estou sempre a pensar no nosso querido Brazil, igualmente empenhado em outra guerra, de que a maior parte da Europa não faz idéa; porque este solo recalcado não tem os desertos, os perigos, os entraves da terra inhospita e infesta do Paraguay, e aqui não se imagina o valor de um povo fanatisado, e virgem de todas as corrupções do egoismo e da politica dirigida por muitos ambiciosos.

Com o coração mais alegre pelas ultimas noticias recebidas, resolvi, como promettêra no final do *Colombo*, cunhar uma especie de medalha commemorativa a um feito singular de nossas armas, e gravar-lhe com o titulo de VOLUNTARIOS DA PATRIA, não só aquelle memoravel prefacio de nossas victorias, como tambem fixar uma parte das feições do espirito da nossa sociedade, que se vac modificando.

Para isto dividi a familia brazileira em dois grupos: N'um personifiquei parte do espirito tacanho do passado, o das idéas colonias com o qual luctâmos ha mais de oito lustros; e no outro alguns factos e matizes dos principios oppostos. Gil, Samuel e D. Fulvia representam as generalidades do preterito, e os outros personagens as do futuro. O presente é sempre um ponto transitorio.

A tomada do Passo da Patria, a nossa entrada no Paraguay, e o valor constante do nosso exercito e marinha, antes e depois d'esta victoria, merecem uma commemoração especial, merecem mais do que quanto eu posso fazer; porque os soldados brazileiros são como os de D. João II, dos quaes dizia a eminente Izabel a Catholica, que não eram vassallos como os seus, mas sim filhos d'aquelle rei, que *mandou sempre, sem ser mandado.*

Com as lagrimas da mais íntima alegria, já eu e o meu amigo Magalhães tínhamos lido no *Monitor*, lo que escrevêra ao governo francez seu almirante no Rio da Prata, a respeito do valor e intrepidez dos nossos soldados, que elle igualou aos de sua nação no arremêço e coragem.

Os actos de patriotismo, de heroica abnegação; de generosa constancia, e dos mais altos sacrificios pessoaes, que vão apparecendo n'esta lucta; são iguaes aos mais bellos e mais celebres de todos os tempos; e evidenciam o valor moral e politico dos brazileiros, e a influencia invejavel do senhor D. Pedro II, que com quatro linhas de seu augusto punho, escriptas á nação, ergueu d'ella um novo exercito, digno da estima e admiração dos vindouros!

A vida das nações, que não aspiram á philosophia, ás sciencias, ás artes; ao sol da verdade e do progresso,

não é vida se é somente escripta no tellonio, na carteira ou no balcão.

A guerra é como o commercio, que tambem permuta idéas. A Allemanha lucrou com a invasão franceza, assim como o Paraguay ha de lucrar com a nossa, porque levâmos maior civilisação e mais brandura.

O nosso Pantheão Marcial, o propriamente nosso só, que começou no Rio da Prata, vaç agora engrandecer-se, e levantar no mundo civilisado o nivel do Brazil; esse nivel, que em vão têm procurado abater inimigos occultos, e certos espiritos tacanhos, que não conhecem outra grandeza que não seja a propria, e outra justiça que não seja a dos serviços pessoaes. São raras as ambições que não escondem anarchias e desmoralisações.

Creio e espero que d'estas duras provanças por que vamos passando, e pelas que nos esperam ainda, surgirão alguns fructos de grande proveito, porque temo menos a guerra externa do que a interna; a que estraga só sangue e oiro, não perverte a vida intellectual e moral, não gasta a dignidade humana, nem estende as filiações do egoismo. Se o orgulho altivo é insupportavel, não é tão fatal e dissolvente como o da fingida modestia na corrupção.

Bem triste é a sorte dos demolidores que sobem de campantillo dourado, porque se repousam em seu empenho destruidor, ficam inuteis estatuas; e tendo a final

de descer, tropeçam e caem no meio dos destroços que espalharam. Punição terrível, que os condemna para sempre perante Deus e os homens.

A historia, que é o repositório da vida, consciencia e resultados do passado, é cruel e vingativa para com esses egoistas que têm duas moraes, dois deveres e duas verdades.

Eu que nasei colono, que vi os funeraes de D. Maria I, que assisti á creação do reino unido, que vi a aclamação de D. João VI, a independencia, a abdicacão e a maioridade, já tenho observado bastante. Quantos nomes incensados já desceram ao grande obituario, onde hoje só figuram como rotulos de fraseos vãos, ou como testadores das heranças negativas, se não perniciosas que nos deixaram? Todos esses fabricantes de cataplasmas e palliativos, de phrases sonoras, de promessas vãs, de recriminações estereis, de sophismas brilhantes, de intrigas astuciosas, de deslealdades e contradicções, de copias mal acabadas, de imprevidencias, de embarços, de alternados successos ephemeros, e creadores da enferma actualidade, e da descrença que nos corroe, já lá estão diante de Deus, e estarão sempre na memoria dos homens de fé e estudo; para lição dos que os imitarem conscientemente. Quantos homens por elles aboeanhados, perseguidos, proscriptos pelo abandono, que pareciam condemnados á escuridão, vão

surgindo gloriosos, e assim vingando as injustiças que sofreram?

Já vi homens banquetes e homens papagaios: os primeiros desapareceram com a digestão da morte; e os segundos depois de muita falla, de desperdicio de comida, na hora da fome recomeram o que haviam rejeitado. Tristes glorias.

A gloria do soldado é outra, procede de origem mui diversa, cresce e fulgura em pedestal mais nobre.

9. O soldado permuta a vida pela honra; não recrimina, obedece; não embarraça, marcha; não sophisma, combate; não promette, vae; não foge, morre. Membro da triada salvadora dos estados, guarda e defensor de suas autonomias, a sua missão é igual á do sacerdote e á do juiz, que são os sustentaculos da moral e da justiça.

10. O soldado não deixa no coração da familia a dor isolada, quando morre no campo da guerra; sobre seus ossos, sobre o chão hostil em que caíra, ficam suspensas a aureola da gloria nacional, a palma do martyrio, e essas recordações mixtas, saturadas de angustias e prazeres, que consubstanciam a vida das nações.

11. O filho ou amigo que nos é arrebatado por uma enfermidade lenta, não deixa uma dor tão aguda como aquelle que desaparece repentinamente, sem ter dado á esperança um abalo duvidoso.

A imagem do soldado, que vimos partir cheio de

vida e entusiasmo, não foge, fica sempre illuminada e como que suspensa nas regiões selenicas, ora sobre o monte dos sonhos, sorrindo para a patria, ora vagando entre delicias sobre o mar da serenidade, quando á noite saudosa contemplâmos esse astro, alvo amoroso da poesia, cujos vãos só são excedidos pelos da oração.

Todos os martyres têm sua canonisação.

As lagrimas depois que seeem são como as chuvas do céu, que entranham nos monumentos uma côr poetica e veneranda, por terem fixado n'elles o pó dos passos das gerações que por ali passaram borborinhando ou gemendo.

A guerra é esteril quando é proveada pelo personalismo, e desastrosa quando a move a ambição. Deus é justo.

Antes de findar estas linhas de expansiva amizade, peço venia para uma curta observação aos que taxarem este drama de inverosimil e por demais imaginoso em seu desenlaee.

Não é de certo, e não o será quando se generalisarem mais entre nós certos estudos psychologicos e physiologicos, e melhor se conhecerem os admiraveis phenomenos do magnetismo animal, espontaneo ou provocado.

O direito com que muitos dramaturgos e romancistas celebres empregaram este agente em suas composições, é o mesmo que me salva e me protege de todas as re-

pulsões dos homens, que só reconhecem por verdade tudo quanto é tangível.

V Ex.<sup>a</sup>, que corôa as sciencias exactas e sociaes com uma boa litteratura, e que exorna tantas prendas com uma preclara eloquencia, assim provando as harmonias de seu espirito; v.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, que aprecia e anima todas as nobres tentativas e demonstraões cordiaes, não deixará de acolher mais esta, que encerra as provas da minha antiga amisade, reconhecimento, e até de meu patriotismo.

V Ex.<sup>a</sup> tambem é um Voluntario da Patria.

O Auctor,



## INTERLOCUTORES

MARÇAL, banqueiro, pae de  
ADOLPHO, Voluntario da Patria.  
ELYSEU, capitalista, pae de  
MARCIANO, Voluntario da Patria.  
GIL, traficante, amo de  
BENEDICTO, Voluntario da Patria.  
SAMUEL, guarda livros de Marçal.  
LIMA, ourives.  
AMALIA, pupilla de Marçal.  
D. ALEXANDRINA, mulher de Gil.  
D. FULVIA, mãe de Benedicto.  
CREADOS.  
A SOCIEDADE CAMPESINA.  
O PRESIDENTE D'ELLA.  
UMA MENINA.  
POVO COM TOCHAS ACCESAS.

— — —

A scena toda se passa em casa de Marçal, no Rio de Janeiro,  
no anno de 1866.



# OS VOLUNTARIOS DA PATRIA

---

## ACTO PRIMEIRO

---

### SCENA I

#### MARÇAL E GIL

GIL, tendo na mão uma letra

É negocio corrente, sem perigo,  
Porque é carga no mar. Compadre, assigne,  
Que tudo será pago. Ande, depressa,  
Ajude-me a viver. Oh! d'esta empreza  
Vou tirar para sempre o pé do lodo.

MARÇAL, com um jornal na mão

Tira-o -do lodo, e mette-o na grilheta!

GIL

N'estes tempos é rei quem tem dinheiro:  
A justiça empunhou de Brenno a espada,  
E pôl-a na balança:—Ai dos vencidos!—  
Assim disse no jury o doutor Fortes.

MARÇAL

Por estas e por outras tambem dizem  
Que o commercio duplica nossos males.  
Se ha fome, elle atravessa os mantimentos,  
Se ha guerra, vende polv'ra ao inimigo;  
E ao rumor de um imposto, inda em projecto,  
Levanta o preço a tudo, e assim fica.

GIL

Tolo é quem trabalha para os outros; ALB  
 Mas vamos ao que importa: então, assigna?  
 Se não pego na isca, outro lhe pega.

MARÇAL

E não teme o anzol?

GIL

Leva o regalo,  
 Fico rico, e escarneo dos philosophos.  
 Navego em mar de rosas..

MARÇAL

Vae a pique,  
 Vae ao fundo mortal de uma enxovia, HO  
 Ao limbo escuro dos que não tem patria,  
 E tem no sacco e burra Deus e a gloria.

GIL

Este mundo é um gigante que não teme  
 Os estalos da lingua, e a palmatoria  
 . . forra com oiro as mãos abertas.  
 Ande lá; ponha aqui seu nome, e accite  
 Tres contos pelo endosso.

MARÇAL

Nem trezentos.

GIL

Dou-lhe quatro, e á vista. Inda resiste?!

MARÇAL

Resisto a quatro mil. Ah! não me offenda.  
 Veja um' outra pessoa. Adeus, compadre.  
 Minha firma em negocios contra a patria?!

GIL A.M

A patria, meu compadre, é sempre ingrata:  
 Bebe o sangue e o dinheiro de seus filhos,  
 E os manda passear se não dá couces.  
 Que vantagens lhe deu? Duas teteias!  
 Teteias que está dando hoje a mil pingas!

Cuja firma não vale com mil réis.  
 Andam tão baixas que se dão aos músicos,  
 Aos pintores, santeiros e versistas  
 Aos mestres d'obra, que rabiscam casas,  
 A empregados! que nunca tem patacas!  
 Que escandalo, que baixa e que injustiça!  
 Se as quizesse, já tinha o peito cheio,  
 Com legitimo jus, e mor orgulho,  
 Porque tinham custado o meu dinheiro.  
 Cousas dadas, não tem preço e estima.

MARÇAL

Assim pensam chatins e mercenarios.

(Mostrando a fita do habito do Cruzeiro)

Esta não foi comprada, foi-me dada  
 Por serviços que fiz.

GIL

E come d'ella?

MARÇAL

Mas vivo como vive o que tem honra.  
 Nas burras e gavetas criminosas  
 Só vivem almas vis; lá folga a usura,  
 Ri-se o ladrão sem pejo, o que vendêra  
 Sua alma a Satanaz.

GIL, sorrindo

O diabo é rico!

MARÇAL

Rasgue o seu alkorão. De mim se afaste.  
 Creia-me morto. Entende?

GIL, enfiado e disfarçando

Bravo, bravo!

Bravissimo, compadre!!!

MARÇAL

Está zombando?!

Olhe, que eu não aturo impertinencias.

GIL

Gosto de ouvi-lo assim, porque assim penso.

Mente.

MARÇAL

GIL

Não minto, penso do seu modo,  
Menos cá em negocios. Ora diga-me,  
Que mal lhe fazem hoje estes continhos?  
Dou cinco, e escreva Silva; cada letra  
Vale um conto de réis Ah! por tal preço  
Nenhum sabio escreveu...

MARÇAL

A minha firma

Tem mais alto valor.

GIL

Ninguem duvida.  
Não gosto de pedir mais de tres vezes.

MARÇAL

Nem eu de recusar alem de duas.

GIL

Perde um amigo, se recusa a offerta.

MARÇAL

Ganho mais do que pensa; não 'stou cego.

GIL

Fico mal para sempre; isso é capricho,  
É desfeita sem causa. Gil Eannes  
Tem nas veias um sangue muito nobre,  
E custa-lhe a pedir. Nunca se abaixa.

MARÇAL, fitando-o bem

N'essa altura um abysmo ha; dou-lhe a prova.  
Venha a letra.

GIL, transportado de alegria

Compadre vou salvar-me

(Marçal lança por terra a letra já rasgada)

MARÇAL

Eis a prova.

GIL

O que faz?! Trema, compadre.

MARÇAL

Tem mais outra? Estou prompto, quer mais claro.

GIL

Rasgar na minha cara a minha letra!  
É mais que um bofetão! Não me conhece?  
Nem de Deus uma injuria esquecer devo.  
Negros juro vencer vac esta letra.

MARÇAL

Faça a conta, que a minha já está feita.  
Não invente por fóra algum romance,  
Porque posso perdê-lo. É bem o sabe?

GIL, rindo-se forçadamente

Quiz experimental-o, e venci tudo.

MARÇAL

Experimentar-me? Como, diga?

GIL

D'este modo engenhoso, como amigo.

MARÇAL

A escapada é de mestre, mas não péga.

GIL

Ganhei enfim a aposta. Chupo um conto.  
Prepare-se, que vae gosar domingo  
No alto da Tijuca bom Champagne,  
De Clicot, do finissimo, divino,  
Que abre o céu em torrentes de alegria.  
Compadre, eu não o estimo, eu hoje o adoro,  
Como sempre adorei os cavalleiros.  
Quer brigar, essa é boa! A minha vida  
Pela sua darei. Sou homem serio,  
Respeito o seu pensar.

MARÇAL

Que está dizendo?!...

GIL

Compadre, se eu lhe dêsse ora seis contos?.

Marçal, soa e olhama um creado

Olhe que a pontapés o levo á escada. (Faz parar o creado) ?

GIL

O que é isto, compadre?

MARÇAL

Outra experieneia.

Fuja, se já não quer lhe unte a face  
Co'os tacões d'estas botas, e hoje mesmo  
Na policia o seu nome fique entregue.

GIL, ajoelhando-se

(Á parte) Valha-me o demo, protector dos fracos.  
(Curvado) Aqui estou, não tem dó das minhas lagrimas?

MARÇAL

O senhor chora e ri-se de encommenda.  
Miseravel! . . . (Quer avançar, mas retém-se)

GIL

Por alma da eomadre,  
D'esse anjo de bondade. Oh! sim, por ella,  
Não me bote a perder . . . (Á parte) dei-lhe no fraeo . . .

MARÇAL

Cale-se, e rua; fuja e quanto antes.

## SCENA II

MARÇAL, GIL E SAMUEL

SAMUEL, espiando

Dá lieença, meu amo?

MARÇAL

Entre, que temos?

SAMUEL

Dois negocios urgentes.

GIL

Com lieença.  
Quero livres deixal-os. Ha negocios . . .

MARÇAL

Nos meus não ha segredos nem mysterios.

SAMUEL

Uma carta a assignar, e esta ordem.  
Do barão esgotou-se todo o credito...

MARÇAL

Pois bem, abra-lhe outro de dez contos.

SAMUEL

Aquelle sujeitinho... nem pitada!  
Vou mandar protestar...

MARÇAL

Esperaremos.

É homem probo..

SAMUEL

Mas não honra a firma.

MARÇAL

Não falle assim. Espere-me, já volto.

## SCENA III

GIL E SAMUEL

SAMUEL

O que tem o patrão, que está tão secco?!  
Esta guerra vae pôr de rasto o cambio?  
O cambio, meu amigo, o cambio, o cambio..

GIL

Eu que o diga, que tenho meus negocios  
Por lá e pela Europa.

SAMUEL

Diga: a zanga

É co'a sua pessoa?

GIL

Longe d'isso!

Achei-o mastigando malaguetas.  
Não quiz-se abrir commigo, lá se avecha.

SAMUEL, olhando para o chão

Uma letra rasgada! Eis o motivo!  
Vou ver de quem é ella.

(Gil apressadamente pisa na letra)

GIL

Não consinto.  
Com segredos alheios não me importo.

SAMUEL

Mas se abre carta alheia, logo a fecha?  
Coitado..

GIL

Samuel lá disse o amo!

SAMUEL

Chamou-me?

GIL

Se está surdo, vá curar-se.

SAMUEL, indo voltado, vê Gil apanhar a letra

Brillhou! Vamos a ver...

GIL, escondendo-a

Levou-a o gato..

SAMUEL

Eu já sei de quem é: tenho bom faro.

#### SCENA IV

GIL, SAMUEL E MARÇAL, com papéis

GIL, ao ouvido de Marçal

Agora o tempo é oiro. Eu tenho outra...  
Dá-me um sim? (Mostrando outra letra)

MARÇAL, com força

Dou um não eternamente.

GIL, em segredo

Consultei um letrado? Estou seguro.

MARÇAL, a Samuel

Guarde-me isto, e aqui ponha outro creado;  
 Não, não chame. . . mas sim, chame-o depressa.

GIL, ao ouvido de Marçal

O dito por não dito. Não se enfade.  
 Aperte-me esta mão. Por ella rogo,  
 Por ella, meu compadre, por esse anjo;  
 Pelo amor que lhe teve. . .

MARÇAL, dando-lhe a mão

Vá-se embora.

GIL

Meu grande bemfeitor. (Quer beijar-lhe a mão)

MARÇAL

Que faz, oh homem?!

Beija-se a mão aos paes e aos soberanos.  
 Não se vá desgraçar. E seute, e guarde:  
 O mal entra a galope, e foge a passo;  
 E o pé que deseje ao crime, sobe á forea.

GIL, fingindo-se docil

Assim é, meu compadre; as mãos lhe beijo.  
 (Á parte) Dá conselhos, porque m'os dá de graça;  
 Mas eu hei de vingar-me.

## SCENA V

SAMUEL E MARÇAL

SAMUEL, olhando para a porta

Tem refolhos!

Que homem abelhudo! quer ver tudo!  
 Detesto os curiosos, e fingidos.  
 Creio que seus negocios vão á garra,  
 E que anda a ver se pesca em aguas turvas.  
 Subiu com uma letra. . .

MARÇAL

Desgraçado.

Vamos á assignatura. (Senta-se)

SAMUEL, enquanto Marçal lê e assigna

(À parte) Nada perco:

Se o negocio pegar, engrosso o sangue,  
E sangue que dá vida e opulência!  
Tenho o triste ordenado, e a vida é curta...

MARÇAL, dando-lhe os papeis

Não mande protestar aquella letra.

SAMUEL

São bondades com que não sei haver-me.

MARÇAL

Esse homem já foi rico, e por honrado  
Fez ponto, e pagou tudo.

SAMUEL

E fieou pobre?

Não sei quem tal faria, a não ser parvo.

MARÇAL

Não siga essa moral, se em minha casa  
Deseja trabalhar.

SAMUEL

Nunca fui d'ella.

MARÇAL

Quanto a esta proposta, um não redondo.  
É o negocio do Gil com outra maseara.

SAMUEL

Quanto á firma de Gil, nada aerescento,  
Mas sobre a d'este homem. não ha medo.  
Tem predios, tem apolices, tem terras...

MARÇAL

Se se empenha por elle, perde o tempo.

SAMUEL

Só me empenho em servir bem esta casa.

MARÇAL

O bom anno se faz do bom caixeiro.

Ha firmas que arrebetam, se a justiça  
 Mover um beleguim: esta assim anda.  
 Querem todos á uma e de repente  
 Ser ricos, e viver ontre milhões,  
 E não olham aos meios. Deus é d'oiro.

SAMUEL, á parte

Ao menos n'este mundo. Se outro houvesse,  
 Seria de outra sorte. Eu creio n'isto. (Signal de dinheiro)

MARÇAL

Se alguem me procurar, faça-me ausente,  
 Excepto ao João de Lima, que traz joias.

SAMUEL

Traz-lhe joias?

MARÇAL

De certo.

SAMUEL

Diamantes?

MARÇAL

Ha de os ver, ha de os ver, bem a seu gosto.

SAMUEL, deixa cair os papeis, perturbado

(Á aparte) Fallaria o barão? escreveria?  
 Se eu podesse lá ir! estou em ancias..  
 Todo eu vou ser olhos n'esta casa.

## SCENA VI

MARÇAL, olhando para a porta

Não ha homens perfeitos; paciencia,  
 Vamos ao nosso caso. Está vencido  
 O passo mais difficil; mas não quero  
 Violentar corações: ambos são livres,  
 Casar é renascer, é outra vida,  
 Outro mundo, outro ser, outra existencia.  
 Ella aqui ha de vir, vac sendo a hora.  
 Primeiro, hei de sondal-a. Este projecto  
 Surgiu-me quando elle estava em França,  
 E tem ido em firmeza sempre avante.

Se hoje o resto vencer, morro contente. (Passeia)<sup>13</sup>  
 E que tal o sôr Gil?! mette-se em boas:  
 Quem se apressa a ser rico, fica pobre.  
 Que boleos tem levado estes bonecos?  
 Quem os viu como eu, de sócco e brixe  
 Palmilhando nas ruas, postulando  
 Um balcão de taberna ou de armarinho,  
 N'um sabbado, e n'um outro de casa,  
 Já boneco da moda almiscarado,  
 Farejando as janellas dos sobrados  
 A cavallo ou de trem por Botafogo,  
 Não os viu medir fitas e cadarços;  
 Vê um lord taful, repotreado  
 Na segunda, e na terça dando o braço  
 Ao joven çorretor, que inglez se finge;  
 E na quarta ser socio de um banqueiro;  
 Se o viu na quinta e sexta a trote ou passo,  
 E no sabbado á tarde afiambrado  
 De caleche e franceza alcaçarina,  
 Ou no santo domingo em leda pandega,  
 Que a vinhaça envernisa e troca o passo,  
 Mal sonha que á segunda, que rebenta,  
 Do boneco de pau estala a casca,  
 E cospe por mil furos mil carunchos.  
 Coitados! se a justiça inexoravel.  
 Os enfarda de blusa, e se o barbeiro  
 Lhes rapa a gafurina já sem banha,  
 Lá vão á correcção, á nova escola  
 Novo officio buscar, n'essa academia  
 Onde um banqueiro vae fazer tamancos,  
 E um letrado dobrar folhas de livros,  
 E comer carne secca da marmitta  
 Que um pifio cozinheiro mal tempera.  
 Mas quem sobe? o tufão de D. Fulvia!

## SCENA VII

MARÇAL, E D. FULVIA, com uma gaiola

D. FULVIA, abafando

Nada custa servir a quem se adora:  
 Eu sou do tempo antigo em muitas cousas!

Aqui trago um canario: é um realejo  
De biquinho e de pennas. Canta e trina  
Como uma prima dona de cartello!  
Tem a e'roa e a pinta como o outro!  
Que barulho e que gente no mercado,  
Sómente para ouvil-o! Veja e pasme!  
Tem dez flautas na guela, é maravilha.

MARÇAL

Quanto devo á senhora?

D. FULVIA

Um obrigado.

MARÇAL

Ha de tel-o depois; mas diga o preço.

D. FULVIA, impando-se

Se o não quer, abra a porta da gaiola;  
Dona Fulvia o que dá, tem outro preço!  
Sou pobre, mas sou grande nos meus actos!!

MARÇAL

Basta, basta, não quero os seus enfados.

D. FULVIA, requebrando-se.

Com vosseneia enfadar-me? que esperança!  
Só quero adivinhar seus pensamentos.  
Onde está Dona Amalia, o seu retrato,  
O seu modo e fallar, seu riso e mimo?

MARÇAL

A senhora está hoje n'um requinte,  
Que parece uma joven casadeira!

D. FULVIA

São seus olhos, porque mui bem não ando:  
Insomnias e fastio me perseguem;  
Não sci mesmo o que sinto! . . .

MARÇAL

Isso é nervoso,  
É o mal das raparigas, que não casam.

D. FULVIA

(À parte) Se isto pega, vou ter carro e theatro.

MARÇAL

Vá lá dentro, se quer ver a sobrinha.

D. FULVIA

Já não sinto mais nada, estou perfeita.  
Quando entro n'esta casa, um céu se abre:  
Não posso saír d'ella, é o paraíso.  
Tudo aqui são primores.

## SCENA VIII

MARÇAL, D. FULVIA E LIMA

D. FULVIA

O sôr Lima!

C'o uma caixa de joias! (Lima recua vendo D. Fulvia)

Entre, entre.

Já sei para quem são...

MARÇAL

Que curiosa!

D. FULVIA, querendo segurar na caixa

Curiosa não sou, porque adivinho.  
Abra, sôr Lima, abra este thesouro,  
Que estou impaciente. De que preço?

MARÇAL

(À parte) Espera, curiosa. (Alto) Senhor Lima,  
Deixe as joias aqui..

D. FULVIA

Boa lembrança.

MARÇAL

Que ha de vir quem as quer, mas deixe o preço.

LIMA

Os preços estão dentro. Recommendo  
A per'la lá eôr de rosa.

D. FULVIA

Côr de rosa!

LIMA

Maravilha sem par!

D. FULVIA

É muito cara?

Quanto custa? e o mesmo côr de rosa?  
 Ou fingida, porque os estrangeiros  
 Sabem tudo imitar.

MARÇAL

Deseja vel-a?

Entregue á minha Amalia o passarinho,  
 E co' ella venha ver este prodigio.

D. FULVIA

Eu quero ver, primeiro.

MARÇAL

Não, senhora,

Isso é muito egoismo.

D. FULVIA

Sim entendo.

Quer ver primeiro, e chama-me egoista.  
 Eu cedo, mas não abram; eu já volto.  
 (Olhando) Um minuto, não mais, um instantinho.

## SCENA IX

MARÇAL E LIMA

MARÇAL

Conhece esta senhora!

LIMA

Se a conheço!

Não a deixe pegar n'uma só joia,  
 Porque a quebra ou entorta, e depois nega.  
 Mas não nega fallando, nega aos berros!  
 Não lhe dê muita entrada, que é má lingua.  
 É capaz de intrigar as tres pessoas.  
 Da Trindade, e no céu lá separal-as!

MARÇAL

Foi casada co'um homem respeitavel.

LIMA

Que morreu de desgostos, é sabido.

MARÇAL

É honrada.

LIMA

Ah! meu Deus, se esta o não fosse,  
Que seria do mundo.

MARÇAL

Boa idéa!

Dê cá a chave, mas diga que a não trouxe.

LIMA, dando a chave

Vou pregar-lhe uma peça de estudante.  
Já sinto o vento d'ella! Deixe o caso.

## SCENA X

MARÇAL, LIMA, D. FULVIA E AMALIA

D. FULVIA

Já sei que viu a perola? Não negue.  
Seus olhos me declaram que houve cousa!

MARÇAL

Vou provar-lhe o contrario. Abra, sôr Lima.

LIMA, apalpando-se

E esta!

D. FULVIA

E esta, o que? está roubado?

LIMA

Deixei a chave em casa! estas não servem;  
Mas eu volto d'aqui a duas horas.

D. FULVIA

Duas horas! são mais que a eternidade.  
Quem tal póde esperar? Vá já busca-a.

LIMA, vendo o relógio

Não posso, perco a barca. Se ha pessoa  
Capaz, dou-lhe um signal.

D. FULVIA

Se em miin confia?

LIMA

Minha pessoa e bens. (Rasga um endereço, e dá-lh'o)

D. FULVIA

Eu vou n'um pulo.

Agora é que acredito nos senhores.

LIMA

Entregue, e diga ao Braz que quer a chave.

D. FULVIA

Verão que tenho azas, que sou moça.

## SCENA XI

MARÇAL, LIMA E AMALIA

AMALIA

Agora, fica ella umas tres horas.

LIMA

Fique dez; estão livres, vejam tudo.  
Quanto ao preço, descontem seis por cento,  
Porque sei a quem vendo as minhas joias.

MARÇAL

Hoje mesmo terá minha resposta.

LIMA

Quando quizer. Ás ordens; com licença.

## SCENA XII

MARÇAL E AMALIA

MARÇAL, abrindo a caixa

Quero ver o quê escolhes.

AMALIA

Que brilhantes!

Isto é caro, meu tio?

MARÇAL

Eis a tal perola.

AMALIA

Não engraço com ella: isto é defeito.

MARÇAL

Póde ser, mas diz elle, que é prodigio!

AMALIA

Aquella que me deu o primo Adolpho,  
 Aquella sim: reflecte o céu e as nuvens.  
 Que formoso cõllar, que diadema,  
 E que brincos e broche! como brilham!  
 Parece o firmamento!

MARÇAL

Quero dar-te

Cousa igual ou mais bella em certo dia..

AMALIA

Não mereço, meu tio. Isto é tão rico,  
 Que exige muitas cousas que eu não tenho.

MARÇAL

Perebo. Tu não és assim tão pobre.  
 Vamos ver o effeito, e não te esqueças  
 Das pulseiras. Vamos, orna-te,

AMALIA

Assim, não póde ser.

MARÇAL

Então porque?

AMALIA

Não estou penteada, nem vestida.

MARÇAL

Quem é bella e é joven tem mil gajas.

AMALIA

Que tem hoje, meu tio? essas lisonjas!.

MARÇAL.

Velha e feia, obedece ás minhas ordens.

AMALIA, ao espelho,

Sim, senhor, sim, senhor, eu lhe obedeco.  
Primeiro o adereço; agora os brineos.  
Depois estas pulseiras; não, que impedem  
O arranjo do cabello. (Adorna-se e compõe-se)

MARÇAL.

(À parte) Como é bella!

AMALIA

(À parte) Os homens tem razão. Assim ornada,  
Não se póde ser feia. (Para o tio) O que pareço?

MARÇAL

Uma noiva, e que noiva encantadora!

AMALIA

Inda é cedo, meu tio, muito cedo.

MARÇAL

Tens idade e juizo, que te falta?

AMALIA

Não desejo deixal-o, nem por sonhos.

MARÇAL

Tudo póde arranjar-se: nada temas.  
Estás uma rainha!

AMALIA

Nos seus olhos.

Vou tirar tudo isto. Uma vaidade  
Começa a escurecer o meu espirito.

MARÇAL, contemplando-a

Não tires. Um momento. Já 'stou vendo  
O grato e bello dia em que marchares  
Ao templo do Senhor, assim ornada. . . .

AMALIA

Meu tio.

MARÇAL

Como a lua entre as estrellas,  
Cheia de graça, de belleza e encantos...

AMALIA

O que é isto, senhor, o que tem hoje?  
Sua bôca tornou-se lisonjeira,  
Ou me quer castigar por ser vaidosa?  
Ha outras mais vaidosas, e...

MARÇAL

Mais feias?

AMALIA

Eu nunca fui formosa. (Vae tirando as joias)

MARÇAL

Sempre o foste!

Meus olhos de te ver nunca se cansam,  
Nem de ouvir-te os ouvidos se fatigam.  
O amor não lisonjeia, quando é puro,  
Quando vôa do imo á flor dos labios.  
Não é paterno amor que te consagro,  
É mais, é mais sabido, é um sentimento  
Tão alto, que parece amor celeste.  
Escuta, minha Amalia, escuta, attende:  
Desejo-te casar. Cumpro o que almejas,  
Ficarás a meu lado. Não me entendes?

AMALIA, perturbando-se

Meu pae, olhe que o amo como filha!

MARÇAL

E d'isso me glorió; mas não quero  
Que igualmente em Adolpho um irmão vejas.  
Teria grande magoa, oh! das mais grandes:  
Acordava de um sonho venturoso,  
De um sonho que eu criei, de uma esperanza,  
No meio de um deserto.

AMALIA

(Á parte) Oh Deus, que escuto!

Será isto possível?!

MARÇAL

Minha filha,  
Quero ouvir o resto? Não respondes?

AMALIA, perturbada

Diga, meu pae.

MARÇAL

Pois bem; eu não te obrigado.  
Queres casar com elle? — com Adolpho?

AMALIA

Com meu primo, senhor? Não o mereço,  
Pedi a Deus um anjo: eu sou de argilla.

MARÇAL

(À parte) O mesmo elle dissera! Ah! já se amam!  
(A ella) Um' outra inclinação terás acaso?..

AMALIA, com firmeza

Oh! não; e o juro em vossas mãos sagradas.

MARÇAL

Então já sei que acceitas. Venha um beijo.  
Vem cá, meu anjo, vem, dá-me este abraço.  
Já não me pesa a vida. — (Abraçando-a)

AMALIA

Desconfio

Que Adolpho só me tem hoje amizade.  
Mudou depois que veio. Isto não basta.  
Não lhe vejo um olhar, d'estes que fallam;  
E de ha tempos... só, sim quasi respeito.  
O amor é como o ether, não se esconde.

MARÇAL

Esse quasi respeito, praz-me ouvir-o;  
Ha queixas que um louvor nobre acobertam.  
O amor de teu primo ao teu iguala:  
Vejo que em sangue e alma irmãos nascestes,  
E que um foi para o outro destinado.  
Ama-te, Amalia, e muito que te ama.  
Com lagrimas, tremendo de alegria,

Abraçado comigo, agradeceu-me.  
Ama-te desde a infancia! assim jurou-m'o

AMALIA

Jurou?

MARÇAL

Elle que o diga: eil-o presente.

### SCENA XIII

MARÇAL, AMALIA E ADOLPHO

(Amalia cáe sentada no sophá e baixa os olhos. Silencio. Adolpho beija a mão ao pae, e este sorrindo mostra-lhe Amalia)

ADOLPHO

O que tem, minha prima? Amalia, Amalia?

MARÇAL

Não respondes, menina? Inda duvidas?

ADOLPHO

(À parte) Desgraçado ! Valei-me, Deus piedoso.

AMALIA

Beijo-te as mãos, Adolpho! Oh! sim, bendita  
A hora em que nasci. És grande, és nobre!  
Tu me abres o céu, e eu sou indigna  
De tanta f'licidade! (Abraça-se a Marçal)

ADOLPHO

O mesmo digo.

SAMUEL, á porta

Dá licença?

MARÇAL, em meia voz

Retirem-se depressa.

### SCENA XIV

MARÇAL, E SAMUEL, desconfiados

SAMUEL

Dona Fulvia, senhor, teve um desmaio

Ao pôr o pé na porta, e outro dentro.  
Lá está quasi sem falla no escriptorio.

MARÇAL

Mande chamar um medico, depressa.  
Quero ver o que tem, quero tratál-a. *(Vae a sair)*

## SCENA XV

MARÇAL, SAMUEL E D. FULVIA

*(Marçal esbarra na porta, peito a peito, com D. Fulvia, que dá um gúincho e atira-se no sophá)*

MARÇAL

Que terrivel mulher!

D. FULVIA, com voz rouqueira

Ai que eu morro;  
Eu estoiro de raiva. Já não posso.

MARÇAL

Que tem, minha senhora? *(A Samuel)* Está vermelha!

SAMUEL

Sempre foi rubicunda. Não é nada.  
*(D. Fulvia fixa-o, e começa a dar murros no sophá)*

D. FULVIA, gaguejando

Arranco-lhe o nariz, cuspo-o na cara  
D'aquelle sem vergonha, que pregou-me,  
A mim, uma senhora, um mono infame,  
*(Alça-se)* Eu quero um bacamarte com dez bôcas;  
Eu quero um bacamarte. *(Cae sentada)*

MARÇAL

Bem; soeegue.

D. FULVIA

Bacamarte e puhal, se não. enfureco-me;  
Estou desesperada! A mim, breguiros.  
Viuva de quem sou, de um magistrado!  
Uma senhora, e moça, sem ter nodoa!

Ó tempos do rei velho, e da Intendencia!  
 Bastava que o meu Chico abrisse a bôca,  
 Era logo prisão, galés e forca.

SAMUEL

Soeegue, Dona Fulvia..

D. FULVIA

Uma viuva  
 De um alto magistrado, bafoadada  
 Por muleques da rua! Pois não sabe  
 Que tenho senhoria?! Se o meu Chico  
 Vivesse, já campava de excellencia,  
 E talvez de correio sempre á porta.  
 Ah! meu caro Chiquinho da minha alma.

MARÇAL

Agora já é tarde. Mas o que houve?

D. FULVIA

Tal amo, tal caixeiro! Que quadrilha!

SAMUEL

Não se afflija, senhora, que isso passa.

D. FULVIA

Não, (Toma uma quartinha de agua, sacode-a e bebe)  
 que estou ardendo, estou em brazas!  
 Eu sinto um formigueiro em todo o corpo!

(Pega n'outra quartinha e bebe a fartar)

Nem agua ha n'esta casa! Tragam agua.

(Trazem-lhe todas as quartinhas)

Ora graças a Deus. Vou já contar-lhes;  
 Vão-se já enraivando antes de ouvir-me.  
 Hei de lembrar-me: per'la eôr de rosa! (Bebe agua)  
 Que horrivel desaforo! Estou só vendo  
 Mil cobrinhas de fogo! Estou doente.  
 Que assassinos!

MARÇAL

Descanse, tome folego.

D. FULVIA

Já veio aquella chave?

MARÇAL

Está na caixa.

D. FULVIA

Foi vingança d'aquelle mariola,  
 Que vive e só respira contrabandos!  
 Vende cousas quebradas, porcarias,  
 E quer que se lhe pague inda os concertos.  
 Hei de pôl-o na rua da amargura,  
 Nos jornaes, e. talvez na Correccção.

MARÇAL

A senhora está hoje muito brava.

D. FULVIA

Eu sou pomba sem fel, mas tenho sangue.  
 (Alça-se) Se eu não tenho carradas de rasão,  
 Fique torta dos olhos. Ah! meu Chico!  
 Se elle agora vivesse, aquelle anginho,  
 Dizia-lhe: Vá já dar uma sova  
 N'aquelle patifão.

MARÇAL

E elle daria?

D. FULVIA

Se a não desse, levava um'outra em casa:  
 Commigo não se brinca.

SAMUEL

Que pombinha!

D. FULVIA, entrando em si

São meus nervos... Não creiam... brincadeira...

MARÇAL

Quem brinca assim, que faz quando enraivece?

D. FULVIA, requebrando-se

Faz mimos, e dá beijos...

SAMUEL

Como ha pouco.

D. FULVIA, severa

Não fallo co'o senhor: creio que entende?  
Sou pombinha sem fel, mas não me offendam.  
Sou muito cavacuda, e... com vossencia  
Não me posso enfadar...

MARÇAL

Tenho feitiço?

D. FULVIA

Tem mesmo, pois vivo enfeitigada!  
Não se ria, que é serio. Esses seus olhos  
Quebram todas as iras.

MARÇAL

Conte o caso

D. FULVIA

Vossencia faz de mim o que deseja!  
Repito: tem feitiço.

MARÇAL

Conte o caso.

D. FULVIA

Sou cheia, mas sou leve. Fui n'um pulo  
Á rua do Ouvidor. Entro na loja,  
Dou bilhete e recado ao tal zarolho,  
E logo eneavaquei, porque o malvado  
Se poz a assobiar certa cantiga.  
Agora é que são ellas! toda a casa  
Era mesmo o entremez da roda viva!  
Saía um caixeirote, um outro entrava,  
E eu á espera da chave mui quietinha.

MARÇAL

E depois?

D. FULVIA

E depois? fui assentar-me.  
Pedi um par de brineos, e a vidraça  
Tambem não tinha chave! Quiz um broche,  
Para ver: A vitrina não tem chave;  
Responde-me um garoto, de cangallhas:

Quiz ver umas memorias. . . Não tem vista!  
 Me diz o manguari, bôca de sapo!  
 Já eu estava azul, quando na porta  
 Parou uma caleche. Entra um sapudo  
 Com uma lambisgoia afrancezada!  
 Abrem-lhe a grade, os vis, com barretadas!  
 Ella entrou; eu entrei, mas já fumando.  
 Tudo, tudo se abriu, tudo mostravam:  
 Os dedos eram chaves! Fui pegando  
 Em tudo quanto via. De proposito,  
 Fui pondo um bracelete; estava-o pondo,  
 Quando vem-me o zarolho, aquelle biltre,  
 E m'ô tira do braço! segurei-o;  
 Mas não sei como foi, que arrebentou-se!  
 Senhora! vá-se embora com mil demos,  
 Berra o vil insolente, aquelle pinga,  
 Aquelle jacaré de lama podre!  
 Nem deu-me senhoria! Fui ás nuvens!  
 Não quero, venha a chave. . . e fui fallando.  
 De raiva, tive logo uma vertigem. . .  
 E acordei-me na rua, assim molhada,  
 Ao som dos assobios dos muleques!  
 Vi a loja fechada, fui-me á porta,  
 Bati. olhe que tenho as mãos inchadas!  
 Tive outra vertigem. . . Veiu um moço,  
 Que me trouxe até cá. Venham commigo  
 Á policia, que eu quero um desaggravo.

MARÇAL

É melhor lá não ir, não appareça.

D. FULVIA

Hei de ir, hei de ir, que eu sou alguma coisa:  
 Se me não attender, von ao ministro,  
 E se este me fallar, requeiro ás camaras.  
 Tomára que os jornaes contem a historia.

MARÇAL

Dens a livre, senhora!

D. FULVIA

Querô um homem,  
 Por força quero um homem; por que falla.  
 Porque sabe gritar. . .

MARÇAL

Não é preciso:  
A senhora vale mais que sete em briga.

D. FULVIA

Não brinque, que estou séria. Vae ou fica?

MARÇAL

Fico, minha senhora, o faça o mesmo.  
Se queixar-se á policia, tem processo.

D. FULVIA

Melhor, que assim ha de ir para a cadeia.

MARÇAL

E quanto ao bracclete, ha de pagal-o.  
Se houve injuria, a senhora tem castigo...

D. FULVIA

Chamei-os de ladrões, disse a verdade.

MARÇAL

Pois então tem cadeia.

D. FULVIA

É o que faltava!  
Pois quem tem senhoria, tem cadeia?!

MARÇAL

E os que tem excellencia.

D. FULVIA

Desaforo!  
Ah tempos do rei velho! quem ousava  
Pôr a mão n uma béca? *(Apontando para si)*  
Vou sósinha;  
Tenho fôro, e tambem ponta de lingua.  
Siga-me Samuel, que assim ordeno. *(Vae saindo)*

MARÇAL, baixo

Finja que vae, e deixe-a no caminho.

## SCENA XVI

MARÇAL

MARÇAL

Ella acaba de estouro ou camisola.  
E os meus noivos? Lá vem o meu Adolpho  
Tão triste e pensativo!

## SCENA XVII

MARÇAL E ADOLPHO

ADOLPHO

(À parte) Que transtorno!  
Como as cousas se voltam n'este mundo!

MARÇAL

Que tens?

ADOLPHO

Que tenho? Ah! não m'o pergunte.

MARÇAL

Estás arrependido?

ADOLPHO

Arrependido?!

Não, senhor; mas vim tarde ao que intentava.

MARÇAL

Tens algum embaraço! enfim sê franco?

ADOLPHO

Para que, meu bom pae fallou á Amalia,  
Sem me haver prevenido? Se o fizesse,  
Poupar-me-ia afflicções. Um embaraço,  
Como um largo oceano, isto prolonga,  
E talvez. interrompa para sempre.

MARÇAL

Não me assustes, meu filho: estou tremendo!  
Commetteste algum erro? — uma fraqueza?.

ADOLPHO

Commetti uma acção de patriota.  
 Vou ao Rio da Prata, vou mais longe!  
 Meu pae, não leve a mal: Deus assim manda.  
 A voz do Imperador.

MARÇAL

Foste ao ministro?

ADOLPHO

Voluntario da Patria ora me chamo.

MARÇAL

Sem meu consentimento?

ADOLPHO

Tinha-o.

MARÇAL

Nego.

ADOLPHO

Herdei-o desde o dia em que pozeste  
 No peito essa venera.

MARÇAL

És filho unico.

ADOLPHO

E onde estão teus irmãos? porque partiste,  
 Bravo do Pirajá?

MARÇAL

(Á parte) Estou vencido.

ADOLPHO

Herdei-o com tua alma nobre e santa!  
 Quando um pae quer ter filhos egoistas,  
 Não lhes falla em seus feitos de heroismo:  
 Ensina-lhes a amar a vida e o oiro.  
 Ensina-lhes. . . o que? a serem baixos.

MARÇAL, á parte

É castigo do céu! eu fiz o mesmo:  
 A palavra de um pae tem Deus ás vezes!

Deus te dá igual dor, como a que sinto,  
 Me disse elle, e na volta perdoou-me!  
 (Alto) Não posso reprovar-te; mas a causa  
 É outra, caro Adolpho, é mui diversa:  
 Tinha jurado Independencia ou Morte.

ADOLPHO

A causa é inda a mesma, e mais gloriosa:  
 Não lucta uma familia, luctam povos:  
 Rechaza o homem livre o escravo sáfaro,  
 Que tem por estandarte o crime e as trevas!  
 Hoje a nossa divisa é santa, é esta:  
 «Pedro Segundo, Liberdade ou Morte.»

MARÇAL

Dos horrores da guerra nada sabes...

ADOLPHO

Sei e tudo vi minha alma ardente.  
 Senti o ardôr das lagrimas saudosas,  
 A fuga do repouso, o afan das armas,  
 A morte a cada passo, ora cseondida  
 N'um céu sereno, que roreja a peste;  
 Ora n'um charco, n'um deserto inhospito;  
 Ora na fome, e nos cruceis combates.  
 Vi a funebre noite do futuro,  
 Mas no eterno horisonte o sol divino  
 Sobre a frente do martyr fulgurando.  
 O que expira testando gloria á Patria  
 Sobe aos braços de Deus eternamente.

MARÇAL

Dou dez homens por ti...

ADOLPHO

Dez mercenarios?!  
 O homem que se vende, é como o escravo:  
 Combate, mas sem gloria: o voluntario  
 Peleja, porque Deus o manda e ampara.

MARÇAL

Não morre, não é homem, volta incolume?

ADOLPHO

Se morre, um protector em Deus encontra.  
Soldado do Ipiranga, onde te leva  
Esse amor que tem laivos de egoista?  
Assim não me educaste!

MARÇAL

Não nego;  
Mas se fôras um pae, tendo um só filho...  
Não conheces ainda este mysterio,  
Este dogma, que a tudo vence e abate;  
Este amor, que enche a vida de esperanças,  
Que vae alem da morte!.. Meu Adolpho...  
E... esta pobre menina?

ADOLPHO

E esta mãe Patria?  
Exposta a ser labeo do mundo inteiro,  
Se um braço vingador não for por ella  
As tendas do inimigo impor victoria,  
E a cerviz conculcar da barbaria?  
Senhor, um berço escravo não é patria,  
É vil catasta de infamante vida.  
Não fui livre, meu pae.

MARÇAL

Foste forçado?

ADOLPHO

Por um braço invisivel! Senti n'alma  
Um tufão, que arrancou-me de repente  
De vós, e me levou ao sacrificio.  
Não posso recuar, já dei meu nome:  
Sou soldado: deserto, se esquivar-me:  
Já dei meu ser á Patria, agora é d'ella.

MARÇAL, á parte

Amor cruel! O que deslumbra a mente,  
Apaga o coração! Como estou frio!  
Venceste, natureza! e eu não me expubro!  
Antes cego e tenaz resisto a tudo.  
Vejamos se um amor triumphá d'outro.

(À parte) Tu sabes que sou homem, que meus olhos  
 No horisonte da vida tudo medem.  
 Affeito ao mundo, abraço as tempestades,  
 Com ellas arco, e cedo, se veneido.  
 Será assim a mulher? natura fragil,  
 Toda amor e paixão? Viste o abysmo,  
 Que ora abriste, esse abysmo luctuoso,  
 Que tem no fundo a morte!

ADOLPHO

E a esperanza?

MARÇAL

Tu não amas Amalia, creste amal-a.  
 O amor é como um rio, abre montanhas!

ADOLPHO

E vae impetuoso ao mar da vida.  
 Sei até onde chega, porque o sinto,  
 Não rio, mas vulcão que em chammas dorme;  
 Mas acima do amor humano ha outro,  
 Que esquece a vida porque corre á morte:  
 Amor tão alto, que só Deus o acolhe.

MARÇAL, á parte

A flamma do heroismo o aerisola,  
 E o leva á abnegação. É bem meu filho!  
 Assim en fui na Independencia! e argúo?

ADOLPHO, á parte

Lucta com a virtude nos reecessos  
 Em que tacita impera a consciencia.  
 (Alto) Ouyi sempre fallar em patriotismo,  
 Tinha d'elle noção, mas não sabia  
 O que era, como hoje! Foi na Europa,  
 Ao ler folha mordaz contra o meu berço,  
 Que senti essa flamma. Gastei oiro,  
 Respondi, soeguei; mas não ceguei-me  
 Como hoje, ao reclamo do Governo:  
 Armas não são palavras incorporeas,  
 São factos a que o ferro só responde

MARÇAL

Não te posso exprobrar! Dei-te o exemplo.  
Mas diz: o que ha de ser da nossa Amalia?

ADOLPHO

O que Deus ordenar.

MARÇAL

E se morreres?  
Deixas-me só no mundo! só, meu filho.

ADOLPHO

Deixo-lhe Amalia.

MARÇAL

Ah! filho não, não, não basto!  
És cruel no que dizes! Não te creio.

ADOLPHO

Acredite, meu pae: Amalia é um anjo!

MARÇAL

Que abandonas, que deixas por um brio. .

ADOLPHO, abre a carteira

Conhece esta legenda? (Mostrando o angulo da Independencia)

Porque deu-m'a,

Dizendo carinhoso: Guarda-a Adolpho,

Tem o móto sagrado, o que gravâmos

Na pedra inicial do novo imperio.

Já lá vão nove lustros! Devo acaso

Vel-a romper-se em minhas mãos inertes?

A legenda de outr'ora, e a facha de hoje

Tem a mesma missão. O que é virtude

No pae, crime não é no filho, e.

MARÇAL

Basta.

Dá-me esse angulo, dá-me essa reliquia,

Quero beijal-a. INDEPENDENCIA OU MORTE!

Bellos tempos de amor e de heroismo!

Este brado caminha á eternidade!

Venceste-me com armas invenciveis. (Soluçando)

ADOLPHO, abraçando o pae

Distilla coração a essencia d'alma!

Sagrae-me co' essas lagrimas propicias. (Beija-o)  
 Assim, meu pae, assim; mais outro beijo,  
 Quero beber vossa alma em vossos labios.  
 Quanta ventura! não me sinto homem!  
 (Apontando para o céu) Lá está sorrindo a Patria, lá está ella  
 Com a fronte no céu da eterna gloria!  
 Seu corpo é o nosso amor, e sua vida  
 Nossos feitos, meu pae, uossas virtudes.

MARÇAL

Falla: do que precisas?

ADOLPHO

De saudades,  
 De bençãos de dois seres, que eu adoro.

MARÇAL

As de Amalia, por certo, são mais puras.

ADOLPHO

Gosava, sem medir a intensidade  
 D'este amor, mas o céu deu-me ora ensejo!  
 Tenho um presentimento.

MARÇAL

Qual, meu filho?

ADOLPHO

Eu volto. Diga a Amalia que me guarde  
 Seu amor, sua fé, sua esperança.

## SCENA XVIII

MARÇAL, ADOLPHO E GIL

GIL

O que é isto, compadre?! Pois seu filho,  
 Um rapaz com fortuna e doutorado,  
 Vac-se expor á chibata, qual se fôra  
 Um pinga sem vintem! Isto é que é farça.

ADOLPHO

A chibata não toca um Voluntario.  
 Quanto á farça. talvez finde em tragedia.

GIL

Toca a todos, que o sei por experiencia.

MARÇAL, à parte

É que foi voluntario involuntario.

GIL, a Adolpho

Seja ao menos cadete, já que é praga,  
Eu cá salvei meu filho, pul-o a paunos;  
Puni o seductor, pondo-o na rua.

ADOLPHO

Quem foi?

GIL

O Benedicto?

MARÇAL

O Benedicto?!

Não é capaz de tal: seu filho mente.

GIL

Tão capaz, que já é também soldado.

ADOLPHO

O sôr Gil não alcança a alteza d'elle!

GIL

Porque mora no Pindo? Eu não sabia!  
Não quero Apollo em casa, nem pintado.

ADOLPHO

Os Apollos de tenda são Mercurios,  
Tem na burra o Olympo, e isto lhes basta.

GIL

Podia responder-lhe, mas não quero.

ADOLPHO

Faz bem. se não dobrava-lhe a parada.

MARÇAL

Que fez do seu menino?

GIL

Vae á Europa:

Quero vel-o doutor.

ADOLPHO

Faça-o artista.

Vi-lhe bellos desenhos.

GIL

Antes morto!

Ter um filho pintor, é deshonrar-me.

ADOLPHO

E floreça um paiz com carangueijos,  
Que tem no mangue infecto o paraizo!  
De seu filho a Sorbonne em Clichy vejo.

MARÇAL

Se não traz outra nova, eu lhe agradeço.

GIL

O Elyseu, que é creança, como o filho,  
Lá vae com o rapaz matar gaúchos!  
Isto é mesmo o imperio dos orates!  
Foi elle quem m'ó disse entusiasmado!  
E eu voltei-lhe as costas por desprezo.

ADOLPHO

Que nobre geração, que homens temos!  
Que exemplos, que virtudes!.

GIL, á parte

Forte tolo!

ADOLPHO

Que espectáculo ao mundo estamos dando,  
É a nós mesmos, meu pae! Somos um povo!  
Já não somos, meu Deus, esse composto  
D'hybridas raças, de seeretos odios,  
Somos todos irmãos n'uma só patria.

GIL, á parte

Isto mette-me raiva: que fofices!

MARÇAL

Eu tambem quero ir, eu vou contigo.

GIL

Hão de amargar: do mel se faz vinagre.  
E antes que pegue a febre, vou-me embora,  
O peor é o dinheiro, de que ha falta.

## SCENA XIX

MARÇAL, ADOLPHO, ELYSEU E MARCIANO, fardado

ADOLPHO

Como? Já estás fardado?!

MARCIANO

Eis o modelo:  
Provei, foi-me bem, paguei, 'stou prompto.

ADOLPHO

Na lista que assignei não vi teu nome?!

MARCIANO

Nem podias, porque eu e o Benedicto  
Assignámos por baixo. Ha já seiscentos!  
Dois batalhões completos! D'esta feita  
Leva a breca o selvage ENFIA-ORELHAS:  
Vou até a Assumpção, e hei de agarral-o.

MARÇAL

E o meu nome não vae ser dos primeiros!

ELYSEU

Todos somos primeiros: vamos juntos.  
Por causa de teu filho estás na dansa,  
Como eu, meu amigo. Sou viuvo;  
Tenho as filhas casadas; só me resta  
Fazer meu testamento.

MARÇAL

Tenho-o feito,  
Mas agora preciso retocal-o.

ELYSEU

Olha aquella alegria dos rapazes!

MARÇAL

Esperem-me, que eu vou só dar meu nome.

ELYSEU

Bravo o patriotismo verdadeiro,  
Que o de lingua e de pilha já sobeja.

MARÇAL

Eu já volto.

## SCENA XX

TODOS E AMALIA

AMALIA, de chapéu

Eu também vou dar meu nome.

MARÇAL

E esta?! Vem cá, oh filha da minha alma.

AMALIA

Eu não posso ficar aqui sózinha!  
Não tenho pac nem mãe, não tenho amigos.

ADOLPHO

Tens amigos, Amalia, e mais que amigos.

AMALIA

Pois se os tenho, não quero abandonal-os.  
Vivandeira ou irmã de caridade.

MARÇAL

Tu brincas, minha filha?

AMALIA

Eu não brinco.

Tenho mãos que curar feridas podem,  
E palavras christãs, que a dor consolam.  
Ao campo, meus senhores, aos combates:  
Vós no meio dos hymnos da victoria,  
Eu no meio das dores e gemidos.

ELYSEU

Dona Amalia, o Brazil não é a Europa.

AMALIA

É a Europa, senhor, de lá viemos:  
 Se temos só seus vícios, já me calo.  
 Quando a gente deserê de si, é lama.  
 A França, a Inglaterra, a Prussia, e a Italia,  
 Não são obras do acaso, são dos homens,  
 E as virtudes que ostentam provém d'elles.  
 Cuspi no mar o leite que a colonia,  
 Vos deu em seio eseravo, e sereis outros:  
 A mulher brasileira, se a ajudarem,  
 É eapaz das virtudes do seu sexo.  
 Não é ella amorosa e intelligente?  
 Quebrem as portas do serralho, ponham  
 No templo do christão a irmã do homem,  
 Que a eserava será dona, e a serva esposa.  
 Se temeis estas saías, visto calças.

ELYSEU

Mas fica sempre exposta.

AMALIA

Exposta a que?

A mulher virtuosa nada teme:  
 Morre pura, triumphã, e Deus a salva.

ELYSEU

Amigos, temos uma Joanna d'Arco!

AMALIA

Vamos, meu pae. Senhor Adolpho.

ADOLPHO

Pára!

Não me trates assim, porque..

AMALIA

Porque?

ADOLPHO

Desces da divindade á carne; descés  
 Da perfeição ao lodo; descés, descés  
 Do céu á terra, do anjo á creatura,

E do amor ao despeito. Eu não mereço  
 Teu desprezo nest' hora. Não mereço,  
 Amalia, oh! não mereço: amo-te muito! (Pausa)  
 Mulher de ha pouco, e anjo na minha alma,  
 Não deixes as alturas em que pairas,  
 Suspensa n'essa nuvem fulgurante,  
 Tão bella como o sol, onde te vejo  
 Coroada da aureola dos eleitos.  
 Fica, não desças, que adorar-te eu quero. (Ajoelha-se)  
 Pende sobre esta fronte a palma etherea,  
 A palma do perdão, tinta nas aguas  
 Do celeste Jordão, fonte dos anjos.

AMALIA

Fallou teu coração! vi-o em teus olhos.  
 Posso agora morrer, 'stou satisfeita.

MARÇAL

Nunca chorei assim! que doces lagrimas!

AMALIA

Podes partir, Adolpho. Aqui te espero:  
 A esperança é o pharol da dura ausencia.

ELYSEU

Bravo, senhora! bravo!! eu a proclamo  
 Rainha das senhoras brasileiras!

MARCIANO

Ah! se eu fosse poeta. Ao Benedicto  
 Vou já tudo contar.

ELYSEU

Eu von contigo.

## SCENA XXI

TODOS E D. FULVIA

D. FULVIA

Senhor commendador, eu morro, valha-me.  
 Ai, que desgraça, que miséria e infamia..

(Para) Sete vezes estás excommungado,  
Aborto da minha alma. Eu te renego.

MARÇAL, á parte

Parece um mau espirito. (A ella) Senhora,  
Vem do Lima outra vez, ou da policia?

D. FULVIA

Não falle n'esse nome, que me offende!  
Ha de ir para as galés, assim o ordeno.  
Outra é a minha cruz, minha desgraça!  
Meu filho, aquelle monstro, fez uns versos;  
E o Gil o poz na rua! Foi ao Campo,  
E logo assentou praça, e de soldado,  
Podendo ser cadete! Está perdido.  
Quer ser outro Camões, e não se lembra  
De morrer no hospital. Ai, que desgraça!  
Vou ficar sem comer, sem casa, e roupa,  
Porque aquelle malvado..

MARÇAL

É quem lhe dava?

ELYSEU, para Fulvia

Dos filhos o modelo, o seu foi sempre!

MARCIANO

Que tem que faça versos? pois é crime?  
Quem me dera soffrer por tal delicto.

D. FULVIA

Eu não como versos! Miseravel!  
(Ajoelha-se) Estás excommungado! Eu te excommungo  
Em nome de.

MARÇAL, erguendo-a, e gritando

Diabo! Que senhora!

D. FULVIA

São todos contra mim. Ai! meu bom Chico.

MARÇAL

Sim! depois que o matou com seu mau genio.  
Que versos fez seu filho?

D. FULVIA

Os do diário.

ADOLPHO

Pois são do Benedicto?!

D. FULVIA

Por desgraça!

MARCIANO

Foram elles que ás armas me chamaram!

ADOLPHO, para D. Fulvia

Seu filho é um grande ingenho!

ELÝSEU

Dizem todos

Que esses versos tem feito maravilhas!

D. FULVIA

Aqui trago o borrão.

AMALIA

Dê-me esses versos.

D. FULVIA, rasgando os

Assim fiz aos do pac, feitos em Coimbra,  
 Ao demonio que lá fez-lhe uns agrados;  
 Sou muito boa, mas, se eu a encontrasse,  
 Mordia-lhe o nariz. E ao Benedicto  
 Tomára que uma bala o parta a meio.

AMALIA

Que mãe, meu Deus!.

MARÇAL

Que mãe! Ponha-se fóra.

D. FULVIA

Melhor mãe do que fui, não ha no mundo.

## SCENA XXII

## TODOS E BENEDICTO

BENEDICTO

A benção, minha mãe.

D. FULVIA

São-te, maldicto.

Tu não és mais meu filho. Antes de tudo,  
Ajoelha, que eu quero excomungar-te.

BENEDICTO

Por quem é, minha mãe, deixe-se d'isso.

D. FULVIA

Ajoelha, malvado, se és meu filho.

*(Benedicto se ajoelha, Marçal o levanta, e diz a D. Fulvia)*

MARÇAL

Se quer fazer comedias, vá-se embora.  
Tanto orgulho com tanta indignidade.  
Vem cá meu Benedicto, vem bom filho! *(Todos abraçam Benedicto)*

BENEDICTO, para Marçal

Amigo de meu pae, uma palavra. . .

D. FULVIA, á parte observando

Um papel! que segredos são aquelles.  
Serão versos, se são, hei de queimal-os.  
Benedicto, me olhou!. cara de Judas!  
*(alto)* Quero esse papel, sou mãe, ordeno.

MARÇAL

Este papel, senhora, é o da mezada  
Que este filho lhe deixa, este bom filho!

D. FULVIA

De quanto, quero ver?

MARÇAL

De com mil réis.

D. FULVIA

Não quero, não me chéga. Estou cansada  
De andar sempre de omnibus.

ELYSEU

É boa!

MARCIANO

E esta! Benedicto?

MARÇAL

É de patente!

AMALIA, para Adolpho

De certo enlouqueceu!

ADOLPHO

Não; é maldade.

D. FULVIA

Pois tu tinhas dinheiro, e te calaste?

BENEDICTO

Guardei-o, minha mãe, para servir lhe.

D. FULVIA

E andei fóra da moda! Vamos, vamos,  
Ajoelha-te aqui; quero ser boa,  
E a minha excommunhão já levantar-te.

ELYSEU

A pensão levantou-a?

D. FULVIA

Não de todo.

Só meia excommunhão hoje levanto.  
Fica o resto p'ra a volta se voltares  
Solteiro. (Gargalhada geral)

AMALIA

Que lembrança!

D. FULVIA

Mas não voltas.

Ouço a todos dizer que as hespanholas

Vendo um homem; o prendem. Eu não quero  
Ter nora nem pintada!

ELYSEU

Pobre nora!

D. FULVIA

Não quero ver mulher de laço e bolas,  
Que sabe carnear, que anda de faca.

MARÇAL

Benedieto, não tragas sem ser rica.  
Amalia, vaes ao Campo?

AMALIA

Pois duvida?  
Uma pobre mulher não tem vontade?

MARÇAL

Minha filha, os que dão novos exemplos,  
Perigam, porque o mundo assim é feito.

AMALIA

Eu tomo a iniciativa. Os que se movem  
Pelo passado, ficam, não progridem:  
São ostras, que só mudam quando as queimam.

ADOLPHO

Deixe-a ir, váe comnoseo; lá veremos.

AMALIA

Teu prompto accenso não envolve um dolo?  
Adolpho: o sol tem manchas.

MARÇAL, apontando para o filho

Menos este!  
Tão tímida e tão docil! que mudança!!

AMALIA

Até hoje fui uma, hoje sou duas,  
Tenho em mim duas almas, duas vidas!  
Não posso separal-as. Não, não posso,

Nunca luctei, meu pae. A minha vida  
 Foi um rio sereno e harmonioso ;  
 Agora se mudou: é um carro solto  
 Na escarpa de um rochedo abrupto, e a pique  
 De um abysmo, que tem no fundo a morte.  
 Essa elysia estação, tão descuidosa  
 Sobre o vosso regaço, já não corre  
 Risonha e caroavel, vae sustar-se,  
 E parar é morrer .. (Soluça)

BENEDICTO

Estou pasmado!

AMALIA

É preciso que marche. O isolamento  
 Põe a alma entre o silencio e a escuridade,  
 Entre a morte e as trevas. É horrivel!  
 É mais que horrivel: Deus não quiz as trevas.

D. FULVIA

Tudo aquillo é de livros estrangeiros.  
 Eu cá só leio annuncios, e mais nada.

AMALIA

Tenho vossa palavra, hei de seguir-vos,  
 Embora, . não, não digo. Quanto a Adolpho,  
 Só me resta a esperanza, e essa... confesso,  
 Já depuz junto aos pés do Pae Celeste.

MARÇAL

Responde-lhe, meu filho, que eu não posso:  
 Tenho o meu coração não sei aonde?!

ADOLPHO

Amalia, a nossa c'rôa de hymineu  
 Foi tecida no céu! se ella é de estrellas  
 Ou de flores, não sei: sei que ella existe;  
 Se na vida offuscal-a negra nuvem,  
 Não temas, que inda é nossa, que a teremos  
 Mais pura e radiante, eternamente  
 Lá onde vive amor, finda a esperanza.

MARCIANO

Benedicto! um soneto, anda, improvisa:  
«Lá onde vive amor finda a esperança».

D. FULVIA

Só a mim nunca soube fazer versos!

MARCIANO

Para espalhal-os como ha pouco?..

AMALIA

Vamos?

## SCENA FINAL

TODOS E GIL. Impaciencia geral.

GIL

Que nobre entusiasmo! Estou tocado!  
Venho agora da Praça, que belleza!  
Que grandes donativos, e que offertas!  
São contos e mais contos para a guerra!  
Fiquei fóra de mim, lá dei dez contos!! (Mede a sensação)  
Dizem lá, que vão ser já nomeados  
Thesoureiros; que a dois, aqui presentes,  
Os decretos já tem a assignatura.  
Não quero que um vil ocio me condemne,  
Desejo trabalhar: já dei dez contos.  
Se algum dos meus amigos não accita,  
Proponha então meu nome, que estou prompto,  
E irei de porta em porta sem descanso.

ELYSEU

Quem lhe deu essa nova a meu respeito?

GIL

O Tavares, que é todo do ministro,  
E um dos thesoureiros.

MARÇAL

O compadre  
Tambem quer um decreto!?

GIL

    Todos sabem  
Quanto valho na praça! Creio mesmo..

MARÇAL, diz-lhe ao ouvido

Creia o que quizer, mas fuja, fuja,  
Que a policia no encalce já lhe anda.

Gil, olhando para Benedicto, e a meia voz

Já sei d'onde me vem a tempestade!  
(Alto) Quem não deve não teme. Estou tranquillo.  
Adous, sôr Benedicto, até um dia.

MARÇAL

Cuide de si primeiro. Vamos... (Desdem geral)

AMALIA

Vamos...

MARÇAL

Espera, que eu vou só. Haja prudencia.



## ACTO SEGUNDO

### SCENA I

ADOLPHO E SAMUEL, entrando ambos

ADOLPHO

A que vem, meu amigo, esses protestos?!  
Vacillei algum dia, algum instante?  
Tudo lhe entrego, tudo o que possuo!  
Não revela amisade a confiança?  
Se eu morrer. (Sorriado-se)

SAMUEL

Ah! não diga isso brincando.

ADOLPHO

Se eu morrer, ahí fica um testamento...

SAMUEL

Não fallemos mais n'isso, senão choro.  
Hei de vê-lo voltar cheio de gloria.  
Meu amo já nos tarda!.

ADOLPHO

Desconfio

Que elle cá ficará: do céu vem isso.  
Ao voltar com Amalia, um homem disse-me:  
Adeus, meu capitão! e já na porta  
Um sujeito affirmou-me que o meu nome  
Subira na proposta.

SAMUEL

Mil emoras!

Não sabe quanto estimo.

ADOLPHO

Serei grato,

E cá virão as novas. Meu amigo,  
Tenho um grande favor que lhe pedir.

SAMUEL

Dois, e mil; mas também eu tenho outro.  
Deixe-me o seu retrato, aquelle a oleo.

ADOLPHO

Está dado, mas tenho um feito em França,  
Que é obra primorosa! Esse lh'o deixo.

SAMUEL

Beijo-lhe as mãos; assim illudo a ausencia,  
Aqui tem estas capas com meu nome,  
Todas tem um cartão. Chegando a um ponto,  
Escreva a lapis n'elle as suas ordens,  
Porque assim saberei o que mais quero.  
Nem sempre poderá dar azo á escripta.

ADOLPHO

A idéa é boa e pratica; agradeço.

SAMUEL

Já sabe quando parte?

ADOLPHO

Eu estou prompto.

SAMUEL

Se meu amo não for, vae só o amigo?  
Dona Fulvia contou-me que a senhora  
Sua prima também partir deseja!  
Se temos voluntarias, fica o Rio  
Com velhas e casadas e corcundas.  
Estas moças d'aqui tem seus repentcs!  
Ella é toda dos livros, sabe linguas,  
Tem talento, e, alem d'isso, é muito bella.

ADOLPHO

Sua alma inda é mais bella, é a de um anjo!  
 A mulher educada pelos homens,  
 Adquire maior força em sentimentos;  
 O seu ente moral sobe mais alto,  
 Não é sempre creança embonecrada:  
 É mulher, não vulgar, é d'outra esphera.  
 Parou a carruagem,scrá elle?  
 Já lhe ouvi a tal tosse, é elle mesmo.

## SCENA II

ADOLPHO, SAMUEL E MARÇAL

ADOLPHO

Bravo! de facha ao braço!

SAMUEL

Tambem parte?

MARÇAL

Não vou, fico em serviço.

ADOLPHO, abraçando-o

Deus é grande!

Respiro, Samuel.

SAMUEL

Eu igualmente.

MARÇAL

O ministro foi fino e delicado!  
 Insisti para ir; e que faz elle!  
 Toma-me o juramento, põe-me a facha,  
 E diz-me: Agora ordeno-lhe que fique,  
 E mandou-me passar esta licença.  
 Estou em commissão, mas sou soldado.  
 Como é que certos homens sabem tudo,  
 De antemão, o que vae pelo governo?!

ADOLPHO

São trombetas e escutas avançadas,  
 Que vão da opinião medindo os passos:

Outros são confidentes. Eu conheço  
Um, que sabe tudo pelos servos,  
E gasta algum dinheiro muitas vezes.

MARÇAL

O que o Gil affirmou é tudo exacto;  
E assim não te acompanho, meu Adolpho,  
Thesoureiro de offertas para a guerra,  
Já puz meu nome em frente. (Mostra a lista)

SAMUEL

Trinta contos!

ADOLPHO

Dá licença que assigne?

MARÇAL

Ía pedir-te.

ADOLPHO

Aqui tem, se não basta, diga quanto?

SAMUEL

Quinze contos! mas isto é uma fortuna!

MARÇAL

O que é isto? uma gota no oceano!  
Esta guerra nos vae custar milhares:  
Mal haja o que a promove. Bem, meu filho.  
Tu não és patriota de chupeta,  
Nem dos que no perigo põe estorvos  
Ao governo, ou armado da calunnia  
Dá assaltos ao poder, para empolgal-o.  
És dos que vida e bens á patria off'reces.  
Eu já disse ao ministro, e elle louvou-me:  
Por serviços da bolsa nada quero:  
Desejo dar exemplo, e vae commigo;  
Porque aqui quem mais pede, menos serve.  
O homem ficou serio, mas venci-o.

ADOLPHO

São derrotas tão gratas ao vencido,  
Elevar a direito uma exigência,

Ou pedir logo o dobro, é hoje a tactica,  
E o mais é que assim pilham os mestragos.

MARÇAL

Tens razão: mas eu sou da outra escola,  
Que se deixa levar pelas idéas.

SAMUEL, à parte

Hoje todos se levam por dinheiro.

MARÇAL

Vou aos grandes da bolsa, vou á praça.

SAMUEL

Ha de achal-a abatida, quasi morta!

MARÇAL

A praça é como a phenix dos antigos,  
Renasce de si mesma, ainda que a queimem!  
Adolpho, dá sciencia á nossa Amalia  
Do occorrido, e procura consolal-a.

### SCENA III

ADOLPHO E SAMUEL

ADOLPHO

Aproveito este ensejo. Vou pedir-lhe  
Uma prova de amigo: isto é segredo.

SAMUEL, com emphase

Se quer a minha vida, ordene, eu dou-a,  
A minha gratidão não tem limites.

ADOLPHO

Quero só discrição, quero amizade.

SAMUEL

Velarei seus int'resses, como proprios:  
Fic-se em mim, não tema, que sou firme

ADOLPHO

Deixo Amalia, e lhe rogo que a bem sirva  
 Em tudo o que pedir: flores e livros,  
 Passaros, estampas, joias, modas,  
 E quanto ella almejar: não olhe a preço.  
 Tenho-lhe amor de irmão, amor de amigo.  
 Chegue-se a ella para bem servir-me.

SAMUEL

Tudo, tudo farei do melhor grado,  
 Ella tudo merece. As mãos lhe beijo.

ADOLPHO

Não é feia, que diz?

SAMUEL

Acho-a perfeita.

ADOLPHO

Uma esposa completa então vê n'ella?

SAMUEL, á parte

Será ou não será?! (Alto) Eu tenho inveja  
 Do feliz que ha de ter tão grande dita.

ADOLPHO

Se o coração do amigo, estando em casa,  
 Não penetra o que digo, vou dizer-lh'o.

SAMUEL, á parte

Não ousou confessar-lhe o meu estado.

ADOLPHO

Vou rasgar-lhe o mysterio, que o suspende;  
 Sei que ha de alegrar-se.

SAMUEL, á parte

Será certo?

ADOLPHO

Se eu viver, se eu voltar, — ha vida e morte,  
 Casarei com Amalia.

SAMUEL, á parte

Inferno! abre-te.

ADOLPHO

A mulher que na guerra tem o esposo,  
 Se crê meia viuva, vive em sustos,  
 E envelhece depressa, se é senhora;  
 Solteira, é sempre noiva. Bem me entende?  
 Procure distrahir-a. Uma outra cousa:  
 Hei de sempre eserever-lhe, e miuhas cartas  
 Promptamente lhe entregue. Tenho eserupulos  
 De as mandar por meu pac.

SAMUEL

Crê que elle as abra?

ADOLPHO

Nem sonhando! Podia abril-as todas,  
 Como outro qualquer; nada encontrava  
 Que ferisse o que é santo. Não me animo,  
 Tenho um certo respeito; e n'estes casos  
 Um amigo, que é joven, melhor serve.  
 Poderei, n'um momento de saudade,  
 Distillar pela penna esta alma ardente,  
 Gemer de amor, devanear e penso  
 Que assim profanaria a mão que eu beijo.  
 Não acha isto mais nobre e mais sincero?

SAMUEL, turbado

Não sei que responder a tanta cousa?

ADOLPHO

Ha poucos dias que meu pac fallou-me  
 N'esta sua intenção, nutrida ha tempos.  
 Facil tudo lhe foi, mas prohibiu-me  
 A menor expansão, porque anciava  
 Sondar-lhe o coração, tão fria a achava.  
 Fallou-lhe, quando eu vinha pedir tempo!  
 Dormiam dois vulcões, que hoje são flammias.

SAMUEL

Porque vac? póde dar por si tres honras.

ADOLPHO

Posso dar mais de tres, talvez que cinco;  
Mas não posso lhes dar o amor da patria.  
O voluntario vae, não é mandado,  
Executa um dever, serve espontaneo;  
É soldado da fé, ou vence ou morre.  
Hei de ir, haja o que houver.

SAMUEL

Fallo sincero:  
Se quer homem por si, vou de bom grado.

ADOLPHO, apertando-lhe a mão

Esta prova não tem maior na terra.  
Obrigado; não posso.

SAMUEL

Ámanhã parto.

ADOLPHO

Accito-a, se eu morrer.

SAMUEL

Não diga isso!  
Esta guerra, e as quebras que hemos tido,  
Vão matar o Brazil..

ADOLPHO

Regeneral-o.  
A fraude e agiotagem hão de extinguir-se,  
Porque a parva avidez tem seus limites.  
Morra o *empenho*, que a moral 'stá salva.

SAMUEL

As nações, como os homens, nada valem  
Sem dinheiro, que é tudo!

ADOLPHO

Vistas curtas.  
Samuel, a riqueza está no homem,  
Que refunde a natura, que a duplica  
Co'o trabalho da activa intelligencia.  
O oiro sác das mãos calosas do homem,  
Ou cõe da fronte do que sua ou pensa.

O que fez Portugal e a Hespanha do oiro,  
 Do Brazil e Peru? F'oi para o norte,  
 Para as terras da industria e das sciencias.  
 O que eu temo é a guerra dos partidos,  
 A guerra de ambições, que tudo estraga.  
 A das armas dá vida e sangue novo  
 Ao povo que em si crê, que em si confia.  
 É o raio assustador, que acorda o homem  
 No leito da indiff'rença, ou que o arranca  
 Do meio de uma orgia. A Providencia  
 Tambem é financeira, sem ter bancos.  
 O dito, dito. Adeus, que vou fardar-me.

## SCENA IV

SAMUEL

SAMUEL, com ironia

Theorias, palavras que esfúncam,  
 Emquanto pesa o oiro na algibeira,  
 E se adquire com elle os bens da terra.  
 Vem casar-se na volta, se uma bala.  
 Eu cá fico ao pé d'ella, e tenho audacia.  
 Samuel, tu, ao menos, és sincero;  
 Não pões cartaz na bolsa; tu não vendes  
 Podre farinha em papellões dourados,  
 Como os tacs patriotas, que só rezam:  
 Venha a nós, venha a nós, que mais queremos.  
 Oh! lá vem outro mestre rico em bolhas!  
 Faz versos, canta a patria, e quer na volta  
 Pescar nas eleições badejo de oiro,  
 E sentar-se na mesa excellentissima!  
 Vou ver se o chamo á regrã.

## SCENA V

SAMUEL e BENEDICTO

Viva, viva.  
 O primeiro poeta brasileiro!

BENEDICTO

O capitão saiu ou está em casa?

SAMUEL

Está-se ataviando. Como passa,  
Como vae o Camões americano?

BENEDICTO

Eseuta, Samuel. Para ter graça  
Não basta abrir a bôea, é necessario  
Ter n'alma o sal de Athenas, que é mais fino  
Do que o sal do porão de algum patacho;  
O teu fede a aleatrão, e, se não fede  
Tem bedum de marçano ou taberneiro.

SAMUEL

Basta, basta, senhor! não quero satyras.  
Tenho medo do Apollo, hoje na berra.

BENEDICTO

Fazes bem, que és Mercurio de alveitar.  
N'um fio de retroz, tu me pareces  
Um urso a saltinhar, quando gracejas.

SAMUEL

Vens de lyra afinada!

BENEDICTO

Eu te perdoo.

SAMUEL

Beijo a mão generosa que me indulta.

BENEDICTO

Dou-te um *pega-ladrão*, se continúas.

SAMUEL

Agora vou ao serio. A chibantada,  
A muito nobre classe caixeiral,  
A flor d'esta cidade, bem me entendes,  
Incumbiu-me de dar por ti um homem!  
Quer haver-te em seu gremio. Tenho ordem  
Para dar-te dinheiro, casa e mesa.  
Accitas a proposta?

BENEDICTO

Estás maluco?!

SAMUEL

Precisâmos de ti no nossô ranchô,  
E queremos que um dia sejas homem.  
Quem versos come; só digere fumo,  
Anda sempre no ar, e por lá fica.

BENEDICTO

Ora graças a Deus, q'tte já és gente:  
Eras ha poucô um sacco, e ora és homem:  
É bom ralhar; a palmatoria ensina.

SAMUEL

Fazes falta na sucia.

BENEDICTO

Fica acephala.

Vao-so a musa, e se rompe o alambique,  
Que deu a muito lorpa algum espirito.  
Tu dizes que os versinhos nada valem,  
E no entanto arranjer dois casamentos!  
Coitadinhas! pensaram ver dois homens,  
E acharam dois onagros? Tenho pena,  
Tonho mesmo remorsos do que hei feito.  
Tens alguma encommenda, algum soneto,  
Madrigal, elegia, ode ou acrostico?

SAMUEL

Eu não quero ser gralha.

BENEDICTO

Porque és corvo.

Tu gostas da substancia dos defuntos,  
Farejas nos cartorios; tu já sabes,  
Quo pupilla e menina são synonymos;  
Que estão dentro, e no entanto os olhos levam  
Por mystica attracção, por este encanto. (Faz signal de dinheiro)

SAMUEL

Não entendo essa giria.

BENEDICTO

Oh lá se entendes,  
 Aceita a minha offerta, e segue o Freitas,  
 Que poz o sogro em glorias, quando á mesa,  
 Junto á noiva, bradou, alçando o copo:  
 «Quebro a lyra de amor aos pés da densa.  
 «E juro nunca mais fazer um verso».

SAMUEL

E não fez.

BENEDICTO

Nem fará, sem que outro os faça.  
 Dizem que de alegria o bom do sogro  
 Berrára lacrimoso: *Oh! tenho genro!*  
 Dá seus ares có'um amo, que tu conheço?

SAMUEL

Deixa o Gil, que anda agora em calças pardas.

## SCENA VI

SAMUEL, BENEDICTO E GIL sobressaltado

SAMUEL, a Benedicto

É bem certo o dictado.

BENEDICTO

Mais que certo.

GIL

Meu caro Samuel, diga... o patrão?

SAMUEL

Saíu.

GIL

Valha-me a breca; inda mais esta!  
 Oh! senhor Benedicto! Não repare,  
 Que eu ando não sei como! Esta cabeça...  
 Inda sou seu amigo. Quer a prova?  
 Volte á casa; triplico-lhe o salario...  
 Dou-lhe sociedade.

BENEDICTO

Já não posso.

GIL

Vá; componha mil versos; deixo-o livre.  
Estou desenganado e arrependido.  
Uma intriga, e que intriga bom urdida!..  
Cegou-me, fui injusto: b' larga a historia.  
Errei, mas quero já rehabilital-o.  
Dou tres homens fardados, e até... quatro,  
Se o quizerem deixar, e ser meu socio.

BENEDICTO

Agradeço, senhor, é-me impossivel.

Que fazes, Benedicto?

O que farias

Se tivesses minha alma e sentimentos.

Cada um tem os seus; os meus não troco.

Basta.

Meu caro amigo, então! perdoa-me?

BENEDICTO, á parte

Mudou-se o vento, temos tempestade.  
(A Gil) Podia despedir-me de outro modo...

Quero rehabilital-o...

Em que? não vejo.

Cuide em si, senhor Gil, é seriamente.  
Pelas fendas do muro vejo a flamma  
Que devora o interno do edificio.  
Não desejo offender a quem me odeia,  
E menos a quem vê... a que? já sabe.

Preciso de um amigo, um socio, um anjo,  
Que salve a minha casa emquanto lucto,

E de bello traidores fementidos.  
Preciso do senhor, do seu talento,  
Seu nome, sua honra: não me deixe.

BENEDICTO

Não posso; sou soldado, não deserto.

GIL

Não me faça esta injúria, volte.

BENEDICTO

É tarde.

GIL

De uma intriga politica sou victima,  
Seja bom, não me faça mal agora.  
Se a juizo o chamarem.

BENEDICTO

Do exercito?

GIL

Nascem azas ao odio e á vingança.

BENEDICTO

Sei qual é meu dever. De sua casa,  
O que vi, lá deixei eternamente.  
Poetas só divulgam os segredos  
De sua alma e mais nada: ereia n'isto.

GIL

Dá-me a sua palavra, a mais sagrada?

BENEDICTO

A unica que tenho em cousas sérias.

GIL

Inda espero abraçal-o em minha casa,  
E unir seu nome ao meu n'uma só firma.  
Promessa minha é hypotheca em terras.  
Vá e volte com gloria, que eu o espero.  
Mas não negue essa mão de cavalheiro  
A quem chora, cá dentro, arrependido.

SAMUEL, a Benedicto, que hesita

Foi teu amo, rapaz, sê generoso.

BENEDICTO

Eil-a. (Dá-lhe a mão)

GIL, segurando a

Meu caro amigo!

SAMUEL, áparte

Qué tratante!

GIL

Quero beijal-a, que esta mão é digna  
De ser toda cravada de brilhantes.

BENEDICTO, retirando-a

Pobre mão! não traçava mais um verso

SAMUEL, entusiasmado

Fazia-os diamantinos!

GIL

Diamantinos!...

BENEDICTO

Se o fundo do que dizes, eu não visse,  
Dava-te mais espirito.

SAMUEL

Agradeço.

## SCENA VII

SAMUEL, BENEDICTO, GIL E MARÇAL

MARÇAL, alegre, com um papel na mão.

Terra boa! que safra! isto vae longe.

GIL

Tenho muito a dizer-lhe, meu compadre.

BENEDICTO, MARÇAL

Espere; vou mudar toda esta roupa.

(A Samuel) Vá passar isto a limpo: haja segredo.  
Adeus, meu Benedicto; não me esqueças. (Entra

SAMUEL

Vem commigo' um instante.

BENEDICTO, para Gil

Às suas ordens.

## SCENA VIII

GIL

GIL, passeiando

Falta-me o ar; que sêde! tenho febre...  
 Soeega Gil, que em outras já te achaste,  
 E um *empenho* salvou-te. Grande falta!  
 Foi pena que morresse aquelle homem...  
 Comia! tinha bucho!... mas... servia!  
 O diabo tentou-me e fez-me a cama!  
 Ah! se o rapaz caísse em ser meu socio,  
 Fazia-o copiar certas cousinhas...  
 Pedia busca em casa, e o menino  
 Ia ao Barro vermelho estar de molho.  
 Testemunhas não faltam. Ah! se escapo,  
 Patriota vou ser; tambem se luera.  
 Na quadra eleitoral, facil me fôra,  
 Mas em tempo de guerra, e exaltamento?!..  
 Ha de acalmar-se. O catonismo é moda,  
 Mas inda ha pobretões, que gastam luxo,  
 E servem n'um aperto, como este.  
 Ah! malditos Bretões, ah! se eu pudesse  
 Afundava a Inglaterra no oceano!  
 E estes bobos aqui, que não tem braços,  
 Applaudirem!... Que sucia miseravel!  
 Se eu tivesse dinheiro.

## SCENA IX

GIL E MARÇAL

GIL

Meu compadre..

MARÇAL

Já sei, querem prendel-o.

GIL

Uma vingança...

MARÇAL

Não minta, por quem é. Que faz, que espera?!

GIL

Já não posso fugir; não tenho meios..

MARÇAL

Que dote recebeu, e que senhora!!!..

GIL

Mais de um terço o tutor d'ella lambeu-me.

MARÇAL

Por isso o tal senhor passou a adelo!  
E o que ha de ser vossê? Um cavouqueiro!

GIL, de joelhos

Valha-me, bom compadre: Estou perdido!  
Pela santa ~~comadre~~, por seu filho,  
Que Deus ha de salvar; não me abandone.  
A policia não tem nenhum direito  
Sobre as cousas do mar.

MARÇAL

Tem o governo,  
E no mar, quando as aguas nos pertencem.

GIL

É por aguas passadas, meu compadre...

MARÇAL

Não cuide, que illudindo-se me illude.

GIL

Já querem-me matar! Dê-me um cantinho  
Onde possa acoutar-me.

MARÇAL

Nesta casa,  
Casa de um Voluntario?!

GIL

Mais segura.

MARÇAL

Dar couto ao que armas vende ao inimigo?

GIL

Desisti do negocio, achei-o feio.

MARÇAL

Que diriam os seus, batiam palmas,  
E soeio me fariam de seu crime.

GIL

Por hoje tão sómente, á noite eu fujo.

MARÇAL

O seu crime de mar, o mar que o salve.

GIL

Eu não tenho a coragem de afogar-me;  
Confesso, tenho amor de mais á vida.

MARÇAL

Mas não tem á dos outros; morram todos,  
Com tanto que lhe fique algum dinheiro.  
Que apóstolos, que monstros, que gentalha!  
Fuja, e deixe-me em paz.

GIL

Não posso agora.  
Se me pilham na rua, fico em postas.

MARÇAL

Vae inteiro habitar casa segura.  
Lá estão mais innocentes do que muitos,  
Que ahí rodam de sege impunemente:  
Justiça humana tu não és justiça!  
Dou-lhe um conselho: fuja, e mude o nome,  
Porque o seu, para sempre, está perdido.

GIL

Mudar de nome?! e o que eu tenho! diga?

Não lhe peço o direito? Tenho brio:  
O meu nome é tão bom como o de muitos.

MARÇAL

Sua alma, sua palma.

GIL

Meu compadre...

MARÇAL

Sinto bem sel-o ainda, sim, pediu-m'o  
Minha santa mulher, que sempre eu choro.

GIL

Por quem é, não me deixe entregue aos lobos;  
Sou culpado, mas peço caridade,  
Por ella, e por seu filho.

MARÇAL

Basta, fique.

O que é vão n'essa bôca, em mim é santo.

GIL

Beijo-lhe as mãos. Agora estou seguro.  
Não hei de incommodal-o: é por uns dias.  
Ao meu proeurador fallar desejo.

MARÇAL

Escreva-lhe, que aqui não vê viva alma,  
Excepto sua esposa. Dois já o viram.

GIL

D'aquelle Benedicto. não me fio.

MARÇAL

Se poder, fará tudo por salv-o.  
Como é triste a existencia dos ineredulos!  
Nem em Deus, nem nos homens se confiam.

GIL

Eu creio, meu compadre, mas os factos.  
Se um barbeiro rapar-me estas suissas,  
E o bigode, e eu tirar a cabelleira...

MARÇAL.

Fica de calva á mostra; e então, já sabe?

GIL.

Mudo a voz, e ninguém mais me conhece!

MARÇAL.

Entre para esta alcova, que ouço passos.  
Vou ao meu escriptorio. Não se mova.  
Um escravo fiel ha de servir-o:  
Se fallar com alguém, aqui não fica:  
E não seja creança.

GIL.

Eu lhe obedeco.

## SCENA X

ADOLPHO

ADOLPHO, fardado

Estava no seu quarto! que perfume  
De innocencia exhalava aquella estancia!  
Aqui estão seus cabellos, emanando  
De seu nobre pensar a pura essencia;  
Oh! que aroma celeste: santifica!  
E aqui está seu retrato, o claro espelho  
De sua candidez, seu alto espirito!  
Que harmonias revelam estas fórmas!  
Não sorri, porque a rosa da saudade  
No seio lhe repassa um agro espinho.  
Está vivo! pintou-o no momento  
De um vago sonho ou de visão incerta.  
Pensaria ella em mim? talvez pensasse.  
Pedi-lh'o, muda foi. Arrebatei-o,  
E ella sorrindo-me estendeu a dextra,  
Que eu em ancias beijei afortunado.  
Esta nodoa no fundo, semihumida,  
De uma lagrima foi: está assignado  
O sangue de sua alma. Pobre Amalia,  
Teu coração é o céu: nublado chora.  
Agora, sim, conheço a lucta infanda  
Do amor entre a esperanza e a incerteza,

Entre a vida, e a morte, e a saudade!  
 Como eu gemo e pranteio dentro d'alma!  
 Perguntei-lhe se sempre me amaria?  
 E ella me encarou, meu Deus, com que olhos!  
 Eu vi o prisioneiro mysterioso  
 Fulgurar com dois raios nas pupillas,  
 Quebrar o arcano, que o pudor occulta,  
 E em seus labios trementes, convulsivos,  
 Adejar brandamente um sim caroavel,  
 Como estrella fugaz n'um céu de julho!  
 Quanto é bella a permuta de um sorriso,  
 Que aduna duas vidas, e as corôa  
 Com o sol da esperança e da certeza.  
 Ah! vem ella! como vem radiante!!  
 Meu Deus, eu emudeço, eu fico extatico.  
 Não posso despedir-me, é meia morte,  
 Não sei que faça.

## SCENA XI

ADOLPHO E AMALIA

AMALIA

Adolpho, escuta.

Horas que fogem são instantes e annos:  
 Instantes a quem ri, annos, e longos,  
 A quem chora. Não é? Escuta, Adolpho,  
 Que eu só vivo em te ver. Ah! tu não sabes  
 Que o orvalho do céu atea e nutre  
 O incendio da esperança, aquelle incendio  
 Que o Amazonas em lagrimas não póde  
 Em minha alma extinguir! Se tu o não sabes,  
 Sei-o eu, que ora soffro seus rigores.  
 Assenta-te a meu lado, aqui, mais perto,  
 E dá-me a tua mão. Nada me digas.  
 Quero ler nos palpites do teu sangue,  
 N'esse frio e calor da tua dextra,  
 Os vóos de tua alma.

ADOLPHO

Tenho febre

AMALIA

Não importa. O amor é egoista.  
 Teu soffrer me consola, dá-me alento:

Ah! dize-me se o meu tambem te é caro?  
 Porque assim mais se unem nossos peitos.  
 Tens-me feito soffrer, sim, collocaste-me  
 Entre o sol e uma nuvem tenebrosa.  
 Confessa: é crueldade, é mais ainda,  
 Plantar n'um coração uma esperança,  
 E eortal-a ao naseer! Ah! tu bem sabes,  
 Que o coração não pensa: sente e soffre;  
 A rasão para elle é uma injustiça.

ADOLPHO

Dêste-me um novo ser, um'outra vida,  
 Um novo mundo, uma existencia que amo,  
 Onde agora sem luz, sem ordem erro,  
 Como um eego attrahido por eneanto.  
 Tu és a flor alpina, que abre o gelo,  
 E vae sorrir a um céu cheio de nuvens.  
 O que sinto o não diz a lingua humana  
 Em seu baixo dialecto, tão terreno!  
 Teu destino e o meu feitos estavam:  
 Soffrer antes, e muito, é nosso fado.  
 O cantor de Atalá disse a verdade:  
 O amor é como um facho que arde e queima,  
 Mas a flamma que o nutre é que o devora.  
 Se é lei do céu, a natureza é outra!  
 Eu peno e goso, meu tormento é grato,  
 Quanto mais soffro, mais soffrer desejo!  
 Nem eu sei o que digo! Ah! sim perdoa-me...  
 Esperemos em Deus, poisque bem sabes,  
 Que esperar é viver.

AMALIA

Tu nunea viste  
 O Archanjo da esperança?

ADOLPHO

Em mente ás vezes:  
 Ora brilhante, ora esvaecido...

AMALIA

Assim é. Vejo-o sempre duas vezes  
 No horisonte da aurora, e no do occaso.  
 É grande, veste nuvens cambiantes;

Tem no rosto um sorriso duvidoso;  
 Tem n'uma aza uma estrella fulgurante,  
 E na outra uma nodoa côr da noite.  
 Foge aos que o tentam abraçar-o em ancias,  
 E se acaso o abraçam, vae perdendo  
 A luz, té humanar-se. Tenho medo.  
 Quizera-o immutavel... Ah! responde?..

## ADOLPHO

Como em torno de ti tudo engrandeces!  
 Se olhas, embellezas; se discorres,  
 Tua alma creadora em hymnos vôa!  
 Eu preciso subir para alcançar-te!  
 Preciso de uma aureola gloriosa  
 Que me eleve a teus pés! Ah! se te ouvissem.

## AMALIA

Mais quem? Se tu me ouves, é bastante;  
 Não almejo outra gloria, outra não tenho.  
 Se fallas de teu pac, ninguem o excede  
 Em alma e eoração. Tu nunca o viste  
 Gemer, sorrindo em lagrimas saudosas,  
 Que apenas lustram seus rosados olhos?

## ADOLPHO

Se minha mãe lembra, isso acontece.

## AMALIA

Esse pranto não é o mais sublime,  
 Não vae ao céu: as lagrimas só descem,  
 E na gleba do morto se diluem;  
 Os suspiros, Adolpho, vôam, sobem  
 Nas rôxas azas da saudade, e chegam  
 Á doce imagem que os provoca, ausente.  
 Quem suspira, vae longe, muito longe,  
 Vae onde o coração allivio encontra.  
 Tu queres de lá ver-me, e que en te veja?  
 Encontremos n'um astro nossas vistas;  
 Escolhe-me uma estrella? Não respondes?  
 Toma a Sirio, que é fixa, que não muda,  
 Que é o emblema eternal do que é constante.

ADOLPHO

Para que? se és a estrella de minha alma!

AMALIA

Adolpho, falla um pouco. Olha, o silencio  
É como a noite escura, tudo encobre.  
No caminho da vida a falla é lume,  
Mostra o abysmo, e nos aponta a estrada.

ADOLPHO

No calar se diz tanto e tanto ás vezes!  
A palavra tem curtos horisontes;  
A mudez é a imagem do infinito,  
Profunda como o céu, tudo ella exprime.

AMALIA

Porque me deixas ao viver de um dia?  
Tem a deusa da gloria em seus encantos  
Meu amor e firmeza? Tem seu throno  
A corôa de paz que o céu domina?  
Porque me deixas ao viver de um dia?

ADOLPHO

Coração de mulher, vaso de essencias,  
Porque não te dilatas? tu que encerras  
Do humano coração quanto ha de puro,  
Que tudo sentes na mais alta escala,  
Porque não sentes o gemer da Patria?

AMALIA

Porque Deus assim quiz. A minha patria  
És tu, e onde estiveres. Não hei outra.  
A gloria da mulher, todo o seu mundo,  
Está no seu esposo, e em sua casa.  
O nosso coração tem duas valvulas:  
Amor e abnegação, mas o do homem.

ADOLPHO, levantando-se

Tem mais uma, senhora...

AMALIA

Qual! dizei-me?

ADOLPHO

É a do amor da Patria!

(N'este momento Gil abre a porta e espia, e diz á parte)

GIL

Amor do inferno!

AMALIA

O coração é um throno em que não cabem  
Dois amores, dois reis heterogencos.

ADOLPHO

Tudo o que é santo se harmonisa, e se une.  
A patria é o grande seio onde palpitam  
Milhões de corações; é o templo excelso  
Que acolhe e immortalisa os grandes actos.  
Não de argilla inerte e pedras feito,  
Mas sim d'alma dos tempos, d'essa vida,  
Que é vida das nações. Escuta, Amalia:  
Os povos decadentes não tem patria,  
Tem berço, tem palavras sonoras,  
Tem um ermo, que sécca as sãs virtudes,  
E este ermo é o egoismo! Inda vivemos.

AMALIA

Encoberta em teu seio a ambição ferve.  
No meu tudo transluz!

ADOLPHO

Ah! não te esqueças

Dos feridos.

AMALIA

Cruel! como te vingas...  
Não podeste vencer-me. Tu bem sabes  
Que a minha é outra: assim; triumphá!

ADOLPHO

Violentei-me; perdoa-me, pois soffro  
Nova dor em te ver assim olhar-me.  
Eu não aspiro á gloria ambiciosa;  
Essa gloria é volúvel. Lá está o Anjo  
Da Justiça divina, o que pondera  
A verdade nos factos. Tem na dextra

O facho do porvir, que tudo aclara,  
E na sestra pendente o raio ultrice.  
De uma louea ambição ninguem me aceuse.

AMALLA

Não te accuso; e, te rogo, não te offendas:  
O amor é egoista. Vae, Adolpho,  
Vae eumprir a missão que o céu te inspira,  
Se és eleito de Deus. Eu aqui fieo. (Chora)

ADOLPHO

Não chores, que o teu pranto é minha morte:  
Uma dor outra dor não amortece:  
Já não posso voltar com honra o passo.  
O humano tribunal tem leis severas,  
Perdoa ao coração em outros casos,  
N'este não. Se eu fiesse, me fariam  
Perjuro e refractario, e o ferrete  
Da infamia. Antes morrer, que merceel-o.

AMALLA

E os que não vão eontigo, são infames?

ADOLPHO

Nem todos; só serão os egoistas:  
Os que ir devendo, ficam nos prazeres,  
Ou prodigam seus bens e vida em ocio.  
Os que podem e fogem; e os que fingem  
Gemer, depois de orgias, sobre a Patria,  
Emquanto seus irmãos soffrem e morrem.  
Os que intrigam no meio do perigo,  
E os que querem subir, mentindo em publico  
Esses sim, são culpados, bem culpados.

AMALLA

Se tu fôras esposo, paer?

ADOLPHO

Amalia,

O soldado não tem mulher nem filhos:  
Tem deveres.

AMALLA

É mais do que um escravo!

ADOLPHO

O escravo do dever tem honra e gloria.  
 Se eu fosse ambicioso, ha muito estava  
 Na liça dos partidos, ou no templo  
 Em que a lei, pela toga, eleva o homem  
 Ao grau de semideus, dando a justiça.  
 Mais que um soldado sou, sou voluntario;  
 Ninguem me ordena, eu vou, eu vou: sou livre.  
 Quem tem nome estimado, e tem fortuna  
 N'um paiz em que o chefe não pergunta  
 — Quem foi teu pae? — para fazer um grande,  
 Não deve aqui ficar, vôa espontaneo:  
 Vejo a Patria ultrajada.

AMALIA

Será grata?

ADOLPHO

Sendo eu d'ella porção, já tenho certo  
 O quinhão que me toca. As injustiças  
 Não morrem com as victimas, resurgem  
 Sobre a campa dos despotas, sentadas,  
 Maldições cviternas vão lançando.  
 Se não sentes o alcance d'esta crença,  
 Tudo o que existe é vão, e Deus um sonho.  
 O cilicio de ferro que me opprime  
 E esmaga o coração, só pôde, Amalia,  
 Estalar sobre o campo da batalha:  
*Ou vencer ou morrer.*

AMALIA

E se morreres?

ADOLPHO

Amalia. Se eu morrer estava escripto.

AMALIA

Só?!

ADOLPHO

Ah não: abençoarás minha memoria.

AMALIA

A fé repulsa o fatalismo, o vacuo  
 Tragador da esperanza: eu creio e espero.

A doutrina que ostentas é de enganos,  
 Não refaz corações, antes os gasta.  
 Fácil é do porvir e do passado  
 Triunphar com palavras estudadas;  
 Mas vencer o presente, é num impossivel,  
 Quando elle triumpho e nos tortura.  
 O amor da mulher não raciocina.  
 És cruel. (Chora)

ADOLPHO

Não me accuses. . .

AMALIA

Eu discorro

Com minha alma nos labios; e se gemo  
 É que a dor Ah! perdoa-me, estou louca.

ADOLPHO

Compartilha o meu calix. Não declines  
 De tua alta natura o vôo angelico.  
 Da esphera em que te vejo, não mais desças,  
 Porque deusa te quero, e deusa sejas.  
 Chama a teu seio o meu amor da patria,  
 Dá-lhe tua grandeza, glorifica-o;  
 Seja tua divisa: *Spes in Deo!*  
 Ora por mim, Amalia; ora, que eu parto;  
 A oração faz milagres quando vôa  
 Sobre as azas da fé e da esperanza.

AMALIA

E tu crês como eu creio em minhas preces?

ADOLPHO

Porque não? se és um anjo.

AMALIA, calma

Parte, Adolpho.

Eu fico socegada. (Ouve-se nas ruas tocar a chamada)

ADOLPHO, á parte

Éis o momento!

É a trombeta da gloria ou a da morte.

AMALIA, toda tremula e vacillando

Espera, Adolpho, espera. Adeus, adeus.

ADOLPHO

Não me dás um abraço? a mão, ao menos...

AMALIA

Eu já sou tua esposa. (Abraçam-se)

ADOLPHO

Sim, Amalia.

(Gil abre a porta do quarto, mas vendo os dois, foge e bate com ella,  
o que os assusta e separa)

## SCENA XII

Entra Marçal. O pae e o filho, mal se avistam, abraçam-se. Adolpho cae aos pés do pae, põe as mãos, e este soluçando o abençoa. Amalia cobre a face, e como que quer fugir; Adolpho se ergue, beija a mão do pae e foge. Ouve-se a trombeta, e Amalia, não vendo Adolpho, precipita-se nos braços de Marçal; ambos soluçam.

## SCENA XIII

AMALIA, MARÇAL E D. FULVIA

D. FULVIA, sem os ver

Ai, que estou cansadinha. Quanta gente!

Cada dia mais cresce esta cidade!

Vi cousas de ralar. Oh! com que luxo

Anda ali tanta gente, e eu sem nada!

(Vendo os dois.) Bons dias, não os vi! Então, que é isso?

Menina, porque chora? Eu já não choro.

São saudades? Console-se commigo,

Que perdi o meu Chico, aquelle santo.

Não fiquem tristes, que a saúde soffre;

Faz magreza e velhice, tira as forças;

Faz mal ao coração, incham as pernas,

E faz barriga de agua. Olhe, o meu Chico

Assim principiou. Não se amofinem.

Encontrei com seu filho e o Benedicto,

Nem olharam p'ra mim, porque abaixaram

As caras para o chão. Riam por dentro.

Os homens são assim, virando as costas,

Por isso me vinguei do meu tratante,  
Fiz-lhe cara de pau, é o que merece.

MARÇAL

Não trate assim seu filho!

D. FULVIA

Hei de tratá-lo:

Não merece esta mãe, oh! não merece-a!  
Não chore D. Amalia, faça o mesmo,  
Que os fingidos nos fazem. Fui casada:  
O meu tinha carranca só em casa,  
Mas na rua? folgava, era pachola,  
E gostava das moças! que malvado!

MARÇAL

Pobre homem! que vida amargurada?!

D. FULVIA

Pois se elle era um fingido! Sabe de outra?  
Não sabe o que me fez o Benedicto?!  
Encontra-se commigo, ali na rua,  
E tem o atrevimento de abraçar-me!  
E esta?! o que diriam as más linguas,  
Sem saberem que é filho! Forte louco!  
Fiquei fóra de mim; voltei-lhe as costas.  
Sou muito boa, muito delicada,  
Gosto de mimos, mas na rua? Nanja.

MARÇAL

Nem boa e delicada foi com elle!  
Porque é um filho que a deixa sem ter fome.

D. FULVIA

É sua obrigação, nada lhe devo.  
Expoz-me ao que bem sei.

MARÇAL

Não tenha susto.

D. FULVIA

Não tenha susto?! Tenho e muito grande.

Sé quizesse já estava casadinha.  
Mal deram-me a pensão, logo um fallou-me.

MARÇAL

Não duvido; e quem era?

SCENA XIV

MARÇAL, AMALIA, D. FULVIA E ELYSEU

ELYSEU

Um antiquario.

D. FULVIA

Não me insulte, senão eu vou-lhe.

ELYSEU

Venha.

MARÇAL

Veiu a tempo, agradeço-lhe a visita.

D. FULVIA, Á parte

Tão bom, como tão bom.

ELYSEU

De minha casa  
Não posso ver meu filho. Estou quebrado,  
Como se houvesse labutado um anno!

MARÇAL

Sei bem o que isso é: eá sinto o mesmo.

AMALIA

E eu? creio que o mundo está deserto.

D. FULVIA, á parte

E eu eá? Tenho uma bola! tudo é raiva.

MARÇAL, para Elyseu

Quer vir commigo a bordo?

ELYSEU

Vem do céu!

Ver meu filho um momento..

MARÇAL

É ver nossa alma,

D. FULVIA, á parte

Que bobos, que bananas! E são homens?!  
Tudo aquillo é mentira e fingimento.

AMALIA

Deixa-me só, meu pac?

D. FULVIA

Não, vamos todos.  
Eu tambem quero ao meu dar um abraço.

MARÇAL

A senhora não vae, enjoa muito.

D. FULVIA

Isso foi uma vez, e ha doze annos.

MARÇAL

Póde vir algum vento, e temos choro.  
Os seus medos, seus gritos, seus trombores,  
Nos fizeram voltar contra a vontade.

D. FULVIA

Não fui eu que me fiz, não tenho culpa.  
Quero ir abraçar o meu filhinho.

MARÇAL

A senhora não vac, não póde, fica.  
Amalia, quanto a ti.

## SCENA XV

TODOS E SAMUEL

MARÇAL, continuando

Tens companhia.

D. FULVIA

E bella companhia! Não vou, fico.  
Eu quero distrahil-a e consolal-a.

A mim? não pôde.

AMALIA

D. FULVIA

Posso, posso tudo.  
(À parte) Meninas de alfenim, que se derretem...

MARÇAL

Manda já um convite á Dona Olympia,  
E á Dona Alexandrina...

D. FULVIA

Obrigadíssima!  
Pois então não sou gente? Sou senhora!  
Não se fiam de mim? Sou muito honrada!  
Poderei ter defeitos, mas respeito-me.

MARÇAL

Ninguém pensa nem diz esses horrores:  
A senhora vae logo ao polo opposto!

D. FULVIA

Eu pensei... porque sou desconfiada..  
Vou-me embora, não quero incommodal-os.

D. AMALIA

Não vá...

D. FULVIA

Pois já não vou, Assim, menina.  
Sua tia morreu, governe a casa.  
(Ao ouvido) Se algum dia casar, ponha-o de freio;  
Não o deixe pôr pé em ramo verde.

SAMUEL, para Marçal

Como fica esta casa? e como ficam (Olhando para Amalia)  
Vossencia, e mais alguém, que eu tanto... estimo!

MARÇAL, dando a mão a Amalia

Coitadinha.

SAMUEL

Aqui estou, espero ao menos.  
Minha senhora, ordene o quo deseja?

AMALIA

Nada.

MARÇAL

Eu volto já; quero só vê-lo.

AMALIA

Se fallar-lhe... (Soluça e chora)

MARÇAL

Direi o que tu sentes.

Dá-me um abraço, que o darei a Adolpho.

D. FULVIA

(À parte) Nunca vi chorar tanto por um primo!

## SCENA XVI

D. FULVIA, AMALIA E SAMUEL

D. FULVIA

Não sabes, Samuel, o Gil foi preso!

D. AMALIA

Com licença.

## SCENA XVII

D. FULVIA E SAMUEL

D. FULVIA, sentando-se

Assenta-te, menino, e ouve o easo.

SAMUEL

Devéras?! como e quando? quem lh'o disse?

D. FULVIA

A eomadre Maruea, que o ouvira Da Chiquinha Feital. É tanta cousa! Se é verdade, o tal Gil é um grande traste.

GIL, entrecabrindo a porta

O negocio é commigo! (Escutando)

SAMUEL

Que fez elle?

D. FULVIA

Vendeu armas ao Lopez; e a policia  
 Foi-lhe á casa, e apanhou n'una gaveta  
 O retrato do Lopez, já de c'roa,  
 Feito rei da republica! e disseram  
 Que um decreto tambem, muito comprido,  
 Nomeando ministro da fazenda  
 O Gil, que vae ser conde! não me lembra  
 De que terra? é de um nome paraguayol

GIL, dentro

Mas eu me lembrarei de ti, tarasca.

D. FULVIA

Já dizem que vae ser arcabusado  
 No campo de Santa Anna, e que o carrasco  
 Ha de antes lhe salgar as mãos e as pernas,  
 E depois a cabeça e o corpo todo.

GIL, dentro

E eu te salgarei a lingua em postas.

D. FULVIA

Já está na Correcção de gargalheira.  
 Passou hontem á noite entre soldados.

SAMUEL

Inda hoje aqui estive; isso é mentira.

D. FULVIA

Pois eu vou já dizer que elle aqui veio,  
 E fallou co'o Marçal. É bom salv-o,  
 Não por elle, mas só porque a policia  
 Não tenha esse prazer. Tenho-lhe raiva,  
 Foi surda á minha queixa. Que gentalha!

SAMUEL

Tal não faça, senhora, que isso póde  
 Comprometter alguém. Não diga nada,  
 Deixe o homem viver.

GIL, dentro

Este é amigo.

É sómente.

D. FULVIA

SAMUEL

Ficâmos mal p'ra sempre.

D. FULVIA

Mal! e o nosso contrato?

SAMUEL

Dei palavra.

D. FULVIA

Ha de easar com ella. Tenho geito.  
Vá-se embora, e me deixe a sós com ella,  
Que hoje mesmo hei de pôr-lhe o torniquete.  
Sou mulher, e sei bem como isto faz-se.

SAMUEL

Hoje não.

D. FULVIA

Hoje sim, que ha requifes.  
Não tenha susto: o choro das mulheres  
É como o das creanças, dura pouco.  
Meia volta, monino, ahi vem ella.

## SCENA XVIII

D. FULVIA

D. FULVIA, a si propria

Mãos á obra, vidinha, que a gorjeta  
Convida a trabalhar no casamento.

## SCENA XIX

D. FULVIA E AMALIA

D. FULVIA

Não chore, deixe-o ir, vae por seu gosto;  
Quem ama não faz d'estas, fica, e casa!

AMALIA

Vae por santos deveres.

D. FULVIA

Vae por moda,  
 Como vão, Benedicto e Marciano!  
 Os rapazes d'agora são soberbos,  
 Grosseiros, altanados; tem só vícios.  
 Que modo tão bonito e delicado  
 O d'este Samuel! Quando casar-se  
 Ha de ter n'un andor sempre a mulher!  
 Não acha, Dona Amalia?

AMALIA

Não me importa.

D. FULVIA

Pois não lhe importa ver um bello joven,  
 Que ha de ser da mulher o caxorrinho?!

AMALIA

Engana-se: é cruel, muito avarento,  
 Gosta de castigar, fere os escravos!

D. FULVIA

Quem faz caso de um negro?! eu faço o mesmo.  
 N'um dia retalhei a cara e corpo  
 Da Luiza, e por que? Ah! teve a audacia  
 De rir-se para o Chico! Já notava  
 Que ella a elle servia promptamente,  
 E que nunca o malvado a castigava!  
 Fiquei fóra de mim, furei-lhe um olho  
 Co'o espeto da cozinha.

AMALIA

E morreu d'isso!?!...

D. FULVIA, perturbada

Foi de um ar que apanhou. Assim disseram  
 As minhas inimigas, por inveja.  
 Não mato um beijafior, nem uma pulga...  
 Mudemos de conversa. Onde foi elle?

AMALIA

Quem?

D. FULVIA

Quem! o Samuel, a minha joia.  
Parece que a senhora.

AMALIA

Diga o resto?

D. FULVIA

Ainda o não conhece, e tem-lhe asco.

AMALIA

Eu não sei odiar; mas há pessoas  
Que me fazem fugir, que não me agradam,  
Assim é Samuel.

D. FULVIA

Oh! que injustiça..

AMALIA, á parte

Que conversa aborrida! Virá ella?  
(Alto) Com licença, eu já volto.

## SCENA XX

D. FULVIA

D. FULVIA

Que finoria!

Eu creio que enxertei. Se pega o ramo  
Temos fructo, e que fructo! de patente!  
Uma casa no centro da cidade,  
E casa de que eu diga — minha casa! —  
Sem pagar alugueis! nem ver a cara  
De um carrasco mensal de mão aberta,  
A pedir-me dinheiro!.. A ella, vamos:  
Nós cá nos conhecemos, nós mulheres,  
E moças sobretudo. Pouco a pouco  
Póde a gente subir ao Pão-d'assucar,  
E de lá, como diz o Conselheiro,  
Dar aos parvos tremenda gargalhada.  
A não ser minha mãe, que era finoria,  
Eu não tinha pilhado o Chico á ufa.  
Havia de custar, porque o meu genio  
É bom, mas incapaz de fingimentos.

## SCENA XXI

[101]

D. FULVIA E SAMUEL com um ramo largo

D. FULVIA

Assim, menino, flores e mais flores;  
 Flores na voz, no modo e nos serviços,  
 Que o tempo faz milagres. Não recue;  
 A mulher tem o fraco na vaidade.

SAMUEL

Farei a diligencia, mas parece  
 Que isto tudo é malhar em ferro frio.

D. FULVIA

Quando é bem batedinho, toma geito.

SAMUEL

Aqui, só una bala ou una febre,  
 Porque se elle voltar, casa com ella.

D. FULVIA

Prepara-se o terreno. Morto o cujo. .

SAMUEL

Depois?

D. FULVIA

Ella tem muito; e eu mui pouco.

SAMUEL

Herdou duzentos contos em apolices,  
 Que hoje sobem co'os juros a trezentos.  
 O primo é filho unico, e tem muito,  
 Porque o sei, e terá milhões mais tarde.  
 Póde dar-lhe theatros, sêge e bailes,  
 Se com ella casar, o que não posso  
 Nem mesmo e' o seu dote. Principio.

D. FULVIA

Deixe o tempo correr; que tudo muda.  
 Talvez que uma hespanhola nos ajude.

SAMUEL

Dou-lhe a casa, se apanho o passarinho.

D. FULVIA

Já estou morando n'ella, já é minha.  
Muita bala vendeu o Gil ao Lopez;  
E uma d'ellas nos póde dar ventura.

SAMUEL

Não falle assim, senhora, que eu sou grato.

D. FULVIA

É tarde, vá cantar a outra porta.  
Eu sei o que o mosquito faz na orelha:  
Vem mansinho gemer, mas chupa o sangue.  
O amor, que é de urubú, dizia o Chieo,  
Não tem medo nem nojo de defuntos,  
Enehe o papo, e depois vôa, é adeus.

SAMUEL

Crcia que sou christão.

D. FULVIA

Mas não jejua

Quando alguém lhe apresenta um bom petiseo.  
E se o eujo morrer, morrer o velho,  
E o bolo lhe ficar? Não ouve musiea? (Musica ao longe)  
São elles. Lá vem ella, e fez toilette!  
Traz um ramo, mas este é mais bonito. (Apontando para o d'elle)  
Avance com firmeza.

## SCENA XXII

D. FULVIA, SAMUEL E AMALIA

SAMUEL

Dá licença  
Que este ramo lhe off'reça.

AMALIA

Que almanjarra!

D. FULVIA

É da moda: os raminhos caducaram!  
Nunca vi esta rosa! e esta camélia!!!

AMALIA

Ponha ali sobre a mesa. (Indo para a janella)

D. FULVIA

N'esta jarra!  
Que ramo de bom gosto! Ah! vem elles.  
Samuel, para aqui, temos largueza.

(Vão os dois para a janella do nico. Passam os voluntarios)

SAMUEL

Como a tropa de linha! (Musica e vivas na rua)

D. FULVIA

O meu bregeiro  
Ainda não passou.

(Gil abre a porta e pega n'uma quartinha)

SAMUEL

Lá vem chibante!

GIL, entrando

Que o leve mil diabos e a seus socios.

D. FULVIA

Lá vem elle; que cara deslavada!

SAMUEL

Pois não sente saudades de seu filho?!  
Agora, vem Adolpho.

D. FULVIA, ao ouvido de Samuel

Agora, vac-se

## SCENA ULTIMA

OS TRES na janella E D. ALEXANDRINA no fundo

*(Amalia atira o ramo de flores e recebe outro da rua, que lhe bate no seio onde ella o aperta, e desmaia ao levar-o aos labios)*

SAMUEL

O que é isto! um desmaio? *(Segura em Amalia)*  
 Nos meus braços?!

D. FULVIA

Bom agouro, segure-a.

SAMUEL

Como é bella!

D. FULVIA

Disperte-a co'um beijinho, ande, depressa;  
 Assim se principia.

D. ALEXANDRINA

E assim aeaba.

*(Acompanha a palavra com um bofetão em Samuel. Amalia desperta, e fica como que atordoada, e de olhar immovel)*

D. FULVIA

D'onde vem esta bruxa?!

D. ALEXANDRINA

Vem de Deus!

## ACTO TERCEIRO

### SCENA I

MARÇAL

Mentiram os prophetas. Não me agrada  
O presente e o futuro: a guerra augmenta,  
E a indiscreta ambição nos rompe os véus  
Na tribuna e na imprensa! Ai, que estouvados! . . .  
Pullulam no casino, ao som das coplas,  
Vaubans e Mirabeaux almiscarados,  
Sorrindo emquanto soffrem, gemem, morrem  
Seus heroicos irmãos na terra adversa!  
No quartel da saude a lingua é espada,  
A penna é lança, e campo a imprensa livre!  
Já trasbordam no pateo heroes e sabios.  
Cá na baixa, peor! A bancarrota,  
A fraude impune, o roubo descarado,  
A tão alto subiu, que os devedores  
Em praça as proprias dividas rebatem.  
Onde iremos parar com taes indultos?  
Felizmente inda temos gente honrada,  
Inda quem vida e bolsa, paz e gosos  
Sacrifique com fé no altar da patria.  
Tempos de expiação são estes tempos.  
Mal haja o dia e anno, e o solo infesto  
Que um tal monstro lançou para affligir-nos!  
E houve quem chamasse-o heroe! oh! Racca!  
Filho espurio da terra de . . . silencio!  
Morra sua memoria . . . Eterno anathema

Cubra seu nome; mão picados o risque  
 Da patria e da familia. A lei devia  
 Sustar antes de um feito triumphante  
 Os cynicos theatros, e esses bailes  
 Que insultam a dor publica, o pae, a mãe,  
 Em sustos confrangidos. A quadra é triste!  
 A quadra em que vivemos é medonha.  
 No ar bebem veneno os homens serios,  
 Enquanto leda valsa a turba insana,  
 E expiram seus irmãos no horror da guerra.  
 Que mixto de torpezas e heroismo!  
 Do sangue de meu filho, do meu sangue  
 Se ha de erguer essa flor immaculada,  
 Que ha de em breve sorrir n'esto deserto.  
 E Adolpho não me escreve! que tormento?

## SCENA II

MARÇAL E D. ALEXANDRINA

D. ALEXANDRINA

Venho quasi arrastada. Obedeci-lhe.  
 Creio tempo perdido.

MARÇAL

Não o de agora.

O afogado se agarra ao ferro em brasa,  
 Quer vida, e elle o deseja. Quer salvar-se.

D. ALEXANDRINA

Eu sei que elle é eobarde, mas é lesma  
 Que se deixa rolar, mas logo estende  
 Os longos olhos, e a seu fim se arrasta.

MARÇAL

O golpe é de matar.

D. ALEXANDRINA

E que diz elle?

MARÇAL

Inda o não sabe. Dorme a somno solto,  
 Come, assobia, e joga a paciencia.

D. ALEXANDRINA

Só tem de homem a fórma. Não tem volta:  
É dos que se ajoelham lacrimosos,  
Para assim não falhar-lhe a punhalada!

MARÇAL

Tenha pena, senhora. De um assalto  
Vae tres golpes soffrer. Não tem remedio:  
A fortuna é cruel quando nos foge.  
N'esta sala vizinha espere attenta  
O momento de entrar. Vou preparal-o.

D. ALEXANDRINA

Um conselho de amigo, é lei benefica,  
Inspirada por Deus: Eu obedeco.  
Os trabalhos minha alma acrysolaram,  
Mas a d'elle, compadre, ficou lodo.

## SCENA III

MARÇAL, batendo á porta da alcova

Oh compadre, compadre, venha fóra,  
Tenho muito a dizer lhe. . . Não ha gente;  
E esta alcova é mui quente a estas horas.

GIL, dentro

Já lá von, já lá vou, quero vestir-me.  
Está muito apertada a minha roupa!  
Será isto inchação? Estou com medo.

## SCENA IV

MARÇAL E GIL

MARÇAL

A comer e a dormir! Isso é gordura,  
Pois que nada lhe doe, segundo penso.

GIL, saído

Que agradavel sonneca! Venha agora  
O que houver por ali, que estou disposto.

Venceram meus algozes? Bem; que gosem.  
Que favores, compadre! Eu só quizera  
Outro escravo que fosse menos mudo.  
Troque-me este rapaz...

MARÇAL

Por um que diga  
Quanto vê e se passa em minha casa?

GIL

Tem rasão, tem rasão, estou calado.  
Que novas tem de Adolpho?

MARÇAL

Sempre boas.

GIL

Estou hoje de humor alegre, e sinto  
Não sei que de aprazível no meu corpo!  
Que fritada nos fez seu cozinheiro,  
Que sopa, que badejo, e que bom molho!  
Quanto aos vinhos e doces, já não fallo.  
Sua mesa é de certo um paraizo!

MARÇAL

Estimo que dest'arte adoece a vida,  
Porque o mundo, este mundo, é um purgatorio.

GIL

Sonhei que estava livre, e que a galope  
Passeava nas ruas da cidade!  
E acordei ao chamar-me. Foi um sonho;  
Mas sonho que ha de um dia realisar-se?

MARÇAL

Eu não sou portador de boas novas;  
Não lh'as devo occultar: pedem medidas.  
Seus amigos queridos o roubaram...

GIL

Espere, meu compadre, espere um pouco.  
Aperta-me a gravata. Agora, diga?  
Venham raios, coriscos, tudo aparo

N'esta mão, á vingança preparada.  
Roubaram-me? quem foi, diga depressa?

MARÇAL

Fidelio, o seu caixeiro e cõfidente,  
Fugiu com a Constancia.

GIL

É brincadeira?..

MARÇAL

Assim m'õ disse ha pouco o seu novato,  
Tremendo e em pranto. Pobre rapazinho!  
Foi a fome que o fez dar pela fuga.  
Subiu, não viu ninguem, nem na cozinha!

GIL

O Fidelio! a Constancia! e os meus escravos?

MARÇAL

Em casa não estão: todos fugiram.

GIL

Mas o que é que roubaram? FALLE serio.

MARÇAL

Não ficou um talher. Quanto ás fazendas,  
Em leilões parciaes foram vendidas.

GIL

E esta! Quem seria o conselheiro?

MARÇAL

Os dois sabem de mais.

GIL

Não é possivel!

MARÇAL

Mandei o Samuel fechar-lhe a loja,  
E ver o que ha em casa. Alguns tarocos.

GIL

Eu tenho uma mobilia rica, e. . .

MARÇAL

Teve.

Eu nunca dou favor a mexerieos,  
Mas diziam dos dois cousas terriveis.

GIL

A Constancia! a Constancia! quem diria?

MARÇAL

Mulher que deixa os filhos e o marido..

GIL

Inspirei-lhe paixão louca e perdida... e f...e

MARÇAL

Perdida estava ella e bem perdida.  
Não seja tão vaidoso. O que inspirou-lhe,  
Foi o dinheiro, o luxo e o mau instincto;  
Vendeu-se como muitas, nada mais.

GIL

Olhe, que eu ha seis annos era o alvo  
Das moças; e eu por ellas fiz loucuras...

MARÇAL

O senhor era um alvo, mas de satyras!  
Seu nome ninguem sabe, mas o alcunha?...

GIL

Tudo isso era inveja de rivaes.

MARÇAL

Por suas mãos passaram largas sommas,  
Que a vaidade esgotou! Não mais me falle  
De suas vergonhosas frioleiras,  
Que é tempo de ealar tacs desvarios.  
Seu nome hoje não vale cem mil réis!  
É preciso que alguem venha amparal-o:  
Chame sua mulher, que é virtuosa.

GIL

Ah! Constancia, Constancia! que malvado  
Te arrastou a tal crime?

MARÇAL

O que tirou-a  
Da casa do marido, foi seu mestre!  
De uma esposa infiel o que esperava?!  
Acolheu a serpente, foi mordido:  
Quem planta a corrupção, colhe seus fructos!

GIL

Ella tinha a candura da innocencia!.

MARÇAL

Uma adúltera?

GIL

Não!..

MARÇAL

Oh vil cegueira!

GIL

Foi talvez enganada..

MARÇAL

Oh! não prosiga.  
Pense em sua mulher, deixe essa immunda.

GIL

Que glorias para os meus bons inimigos!

MARÇAL

O senhor tem sómente um inimigo,  
Que é fatuo, que é tenaz, e incorrigivel,  
Que é cobarde, e não erê em Deus, e em Christo.

GIL

Quem é?

MARÇAL

É Gil Eannes de Olivença.

GIL

Eu! compadre? Não mate assim um homem.  
Tenho genio, mas sou um homem serio.

MARÇAL

É a dar-me co'o homem serio! Isto é que é serio;  
 É preciso que hoje, agora mesmo,  
 Lhe venha uma pessoa de amizade,  
 E pessoa de minha confiança.

GIL

E quem acha o compadre n'estes tempos  
 De má fé, de traições, capaz de tanto?

MARÇAL

Sua mulher, que tem boa cabeça.

GIL

Hei de n'isso pensar. Ah! quem diria  
 Que a Constancia..

MARÇAL

Silencio! não me offenda:  
 Se tal nome repete, agora mesmo  
 O mando pôr na rua. É mais que insulto  
 Tal nome recordar, quando lhe fallo  
 De uma esposa e senhora.

GIL

Tem defeitos.

MARÇAL

O odio da ingratidão gera calumnias.

GIL

Compadre, esta cabeça está perdida!  
 Tenha pena de mim. Diga, se sabe  
 Noticias de meu filho? Não me escreve?!  
 Talvez formado esteja na Allemanha,  
 Onde dizem que é breve, e baratinho.  
 Elle foi a Rostok.

MARÇAL, dando-lhe uma carta

É outro ponto.  
 Veja quanto seu filho tem brilhado!

GIL

Quebrei minha luneta, não sei como!  
Tem brilhado? É rapaz de grande engenho!

MARÇAL

Já que não póde ler, escute e pásme:  
«O conde de Olivença, depois d'isto,  
«Foi parar em Clichy; dizem-me todos  
«Que excede a cem mil francos o que deve  
«Aos ourives, modistas e alfaiates;  
«A respeito d'aquella firma falsa,  
«Puz-lhe pedra, conforme as suas ordens.

GIL

Não conheço o tal conde! é algum biltre?

MARÇAL

É seu filho, fez-se conde em França!  
E como alto senhor, grande fidalgo,  
'Stá preso no solar dos caloteiros.  
Podia ir mais longe, mas não quero;  
Pois roubou minha firma. Miseravel!

GIL

Mais esta! inda mais esta, estou pagando  
O que fiz á viuva do Florindo!  
Que pragas me rogoú por alguns juro:  
Que a seu filho levei, iguaes a outros.  
E a mãe não quer morrer!

MARÇAL

Deus a conserve.

GIL

Vou quasi crendo em Deus, e em seus castigos!  
«Teu filho pagará» — disse ella em pranto,  
De joelhos,— e tu d'aquí a pouco!.

MARÇAL

Vae quasi, diz? . .

GIL

Começo a crer um pouco.

Ha cousas que .

MARÇAL

Que são grandes verdades!  
 Começa a crer um pouco! Quer mais claro?  
 Chame sua mulher, que é pura e santa.  
 Implore-lhe o perdão das mil sevícias,  
 Das affrontas que fez-lhe, pondo á mesa,  
 Á sua mesa uma fadista odiosa.  
 Chame sua mulher.

GIL

Espera um pouco.  
 Á parte) Tanto empenho! haverá entre elles cousa?

MARÇAL

Não relucte, compadre..

GIL

Eu não relucto.  
 E sabe com certeza se a Constancia?.

MARÇAL, tocando a campainha

Oh lá, peguem na roupa d'este homem,  
 E o ponham, como está, já, já, na rua.

GIL, de joelhos, agarrado a Marçal

Compadre, eu creio em Deus.

MARÇAL

Rua, malvado.

A caridade degenera em crime  
 Se afaga o impio. Rua; senão, chamo  
 A policia.

## SCENA V

MARÇAL, GIL E D. ALEXANDRINA

D. ALEXANDRINA

Inda não.

GIL

Alexandrina!

MARÇAL

Conhece esta senhora?

GIL

Se conheço!  
Não tenho cara, Alexandrina..

D. ALEXANDRINA

Basta.  
Venho para salvar o paç de um filho,  
Que tanto me offendeu..

GIL

Perdoa tudo,  
Minha santa mulher, e a mim primeiro...

D. ALEXANDRINA

É o mesmo coração, não tem mudado!

GIL

Minha santa mulher, perdoa e salva-me  
(Levanta-se de repente, fica pensativo, e diz á parte)  
O que é isto! ciumes? pois eu amo-a?  
E ella nada perdeu! inda está fresca!

MARÇAL

Então! no que medita? Esta senhora  
Abre os olhos aos cegos.

## SCENA VI

MARÇAL GIL, D. ALEXANDRINA E SAMUEL

MARÇAL, para Samuel

Diga tudo.

SAMUEL

Fugiram, c. (Olhando para D. Alexandrina)

D. ALEXANDRINA

Não tenha reticencias.

MARÇAL

Aqui não ha segredos, pois o escutam  
O marido e a mulher.

SAMUEL

Pois miss Alexis!!...

GIL

É Dona Alexandrina, minha esposa,  
Que não tenho mais cara de.

MARÇAL a Samuel

Prosiga,

Diga tudo o que viu e sabe ao certo.

SAMUEL, á parte

Então adivinhei. Vou castigal-a.  
(Alto) De Constancia e Fidelio sei apenas  
Que fugiram roubando prata e oiro.  
Queimaram os papeis; inda ha lá restos.  
Visitei toda a casa. Não se encontra  
Uma salva, um talher, tudo levaram!

GIL

E as fazendas da loja?

SAMUEL

Já se foram,  
Queimadas em leilões; não ha mais nada.

GIL

E os escravos?

SAMUEL

Estão hypotheeados  
Ao novo ferrabraz. Fallei com elle,  
E chorando me disse que emprestára  
A Fidelio dois eontos. Vi a letra.

GIL

Porque não foi chamar a auctoridade?

SAMUEL

Porque fui a serviço de meu amo.

MARÇAL

Inda duvida?

GIL

Não; parece incrível!  
Já não ha probidade n'este mundo.

MARÇAL

O senhor está morto civilmente,  
E aqui está quem salv-o pôde ainda.

GIL

Tens grandes protectores?!

D. ALEXANDRINA

Um só tenho.

GIL

Já sei, é o bom compadre. (Á parte) Eu desconfio..

D. ALEXANDRINA

Tu tens um pensamento, e é de malvado.

GIL

Senhora, venda a casa, e pague as dividas  
Do nosso caro filho, que está preso.

MARÇAL

Não pôde só fazel-o.

GIL

Bem, eu passo  
Uma procuração com antedata.

SAMUEL

É nulla. A do Fidelio é mais moderna:  
Deu-lhe plenos poderes: poz-lhe a clausula,  
Que invalida qualquer das anteriores.

MARÇAL

Não pense em subterfugios, perde tempo.  
Salve seu corpo, se as galés não ama,  
E entregue o seu destino a este archanjo,  
Protegido do céu. Devo deixal-os.  
Abram seus corações: não quero ouvil-os.

GIL

Mais aberto que o meu não há na terra.

## SCENA VII

GIL E D. ALEXANDRINA

D. ALEXANDRINA

A que estado chegaste, desgraçado?!

GIL

Dá-me agora um abraço.

D. ALEXANDRINA

Não me toques;

Já não sou tua esposa.

GIL

Estás viuva,

Ou.

D. ALEXANDRINA

O que?! insolente! Já te disse  
A que vim, mas tu, vil, não comprehendes  
Senão o que teu peito impuro sente.

GIL

Promettes perdoar-me, e me recusas  
Um abraço de paz?! Já dei-te tantos.

D. ALEXANDRINA

E darias, se tu não me aviltasses:  
Podemos conversar sem dar abraços.

GIL

E como fazer pazes?

D. ALEXANDRINA

Estão feitas.

Venho salvar-te, que outras pazes queres?  
Venho por brio e pundonor; entendes?  
Compraste-me innocente; fui vendida  
Por um tutor ladrão, que repartiu

Comtigo o rico espolio que eu herdára ;  
Dêste largas ao vicio, e me expulsaste. . .

GIL

Eu nunca te expulsei, e nem o disse.

D. ALEXANDRINA

Nunca disseste: sae; mas occupaste  
O meu logar por outra, e a meus olhos.  
Não digo, tenho pejo. Retirei-me.  
Vivi do meu trabalho, eu! rica herdeira!  
Pouco tempo fui pobre, hoje sou rica,  
Não preciso de ti, tenho dinheiro.

GIL

Tens dinheiro, mulher! como o ganhaste?

D. ALEXANDRINA

Do relógio na mão, de casa em casa,  
Ensinando o que sei, o que desprezas.  
Canto, seis linguas fallo, e tenho prendas,  
Que os homens como tu nunca estimaram.

GIL

E quanto já tens junto? não me enganes.

D. ALEXANDRINA

Que te importa saber, já queres tudo?  
É pouco para ti, mas serve agora.  
Dei-te a mão, tive um filho, um desgraçado  
Que se póde emendar, e é d'esse filho  
Meu intento salvar seu pae culpado  
De indelevel opprobrio, inda que eu morra  
De trabalho e fadiga. Se não foges,  
Algum dia o verás, como eu, na praça,  
Voltar-te o rosto, envergonhado e triste  
Do galé, que lhe deu a vida e o nome!  
Se não foges, verás quantas te amaram  
Por teu oiro, sorrir-te com desprezo,  
Ou fugirem com asco, surdas sendo  
Ao tinir de teus ferros, desgraçado!  
O Brazil para ti só tem um posto,  
E esse é nas galés! Desejas tel-o?

GIL

Mas eu quero fugir..

D. ALEXANDRINA

Aprompta a roupa.

Que a policia já sabe onde te aeotas.  
Queres ler esta carta? é de um amigo.

GIL

Quebrei minha luneta.

D. ALEXANDRINA

Bem, eu leio-a:

«Hoje foi á policia uma denuneia,  
«Dizendo que Marçal a Gil deu couto.  
«Salve o misero ingrato, a quem espera  
«A grilheta ou a morte.» E assignou-se  
— Um amigo! — não teu, que os não tens hoje,  
Nem mesmo n'esta easa caridosa!

GIL

Eu não tenho um vintem!

D. ALEXANDRINA

Tenho eu, já disse.

Dou-te seis contos, porque mais não tenho.

GIL

Seis contos de lições?!

D. ALEXANDRINA

Suando sangue.

GIL

Acho muito, menina!

D. ALEXANDRINA

És muito infame!

Medes os outros pelo teu caracter.

GIL

Eu não tenho suspeitas, nunea as tive.

## SCENA VIII

GIL, D. ALEXANDRINA E MARÇAL

MARÇAL

Não ha tempo a perder; agora mesmo  
Recebi esta carta! (Mostra-a a D. Alexandrina)

D. ALEXANDRINA

Igual á minha!

O final rasga a mascara do principio!  
Veja bem este fim, que eu só comprehendo!  
«Dizendo que Marçal a Gil deu eouto.  
«Mandou-a miss Alexis por vingança!»  
Suspeito d'onde parte tanta infamia!

MARÇAL

Este Pê, me parece. é impossivel!

D. ALEXANDRINA

Dentro em mini tenho um anjo que não mente:  
Já me disse o auctor.

MARÇAL

Diga, sem medo?

D. ALEXANDRINA

É cedo, meu compadre. O tempo é ehave  
Que abre todos os cofres de segredo.

MARÇAL

De quem é, não atino.

D. ALEXANDRINA

É de um planista,  
E se o plano falhar hoje, teremos  
Amanhã uma triste realidade.  
Contemos, pois, as horas.

MARÇAL

Mas, que plano?

D. ALEXANDRINA

O plano é de afastar-me para longe.  
 Aprompta a tua roupa, Gil, que é tempo  
 Demos graças a Deus, que o inimigo,  
 Por neseio nos baten á porta em tempo.  
 Amanhã será tarde.

GIL

Alexandrina,  
 Vem ajudar-me a empacotar a roupa.

D. ALEXANDRINA

Já não sei o que é que um homem veste.

MARÇAL, consigo

Dona Fulvia não é. quem será pois?  
 (Alto) Vou-me embora, resolvam, que eu ajudo:  
 Aprompte-se: N'um' hora cáe a casa.

## SCENA IX

GIL E D. ALEXANDRINA

GIL

Minha rica mulher, dá-me um abraço.

D. ALEXANDRINA

Recomeças? Se teimas, vou-me embora.

GIL

Não, meu anjo da guarda. Era um pedido.  
 Ha tanto tempo e tu, que és sempre a mesma...

D. ALEXANDRINA

Tu és como as creanças, que estão rindo  
 Quando choram os paes, p'rigos temendo.

GIL

Está bom, não te enfades. Vou sósinho  
 Preparar a roupinha. Não te esqueças  
 Do nosso dinheirinho, e se já o tens,  
 Eu fico já com elle.

D. ALEXANDRINA

Hei de ir buscá-lo.

GIL

Não te esqueças, meu bem...

D. ALEXANDRINA

Oh! não me esqueço.

## SCENA X

D. ALEXANDRINA

D. ALEXANDRINA

Que natura cruel! falso, e disposto  
 A humilhar-se! Tocou o extremo horrendo  
 Da impudica baixeza! Ali não passa  
 Um nobre pensamento! Não por elle,  
 Que morreu em meu peito, é que aqui venho,  
 Mas por esse rapaz, a quem perdôo  
 O desprezo com que sempre tratou-me.  
 Como Gil está velho e quebrantado!  
 Que triste dualidade: baixo e ingrato!  
 Ha dois mezes aqui, sem querer ver-me!  
 E aqui fico, meu Deus, de guarda a um anjo,  
 Que entre dois satanazes calmo vive,  
 Sem de leve sonhar quaes seus intentos!  
 Quanto devo a meu Deus em ser somnambula,  
 Em poder escrever, pedir conselhos  
 Ao meu anjo da guarda. Hontem me disse:  
 «'Stá breve o termo, Deus ampara os seus:  
 «Amanhã findarás tua missão.»  
 Será hoje? parece. Ah! vem Amalia.

## SCENA XI

D. ALEXANDRINA E AMALIA

AMALIA. com um livro

Bemdito seja Deus, que a vejo alegre!

D. ALEXANDRINA

Como vem radiante! hoje tem azas?!

AMALIA

Venho do céu do amor, do céu que Dante  
 Fez para Beatriz! É mais que humano!  
 Não é ella que eu vejo n'essa nuvem  
 De flores, espalhadas pelos anjos,  
 Mas elle no seu carro etherco e santo  
 Da diva inspiração. Venha ajudar-me  
 A verter toda em verso esta passagem!

D. ALEXANDRINA

Ambições varonis não alimento.

AMALIA

Não pretendo imprimir, não ousa a tanto:  
 Quero sómente embellecer o tempo.

D. ALEXANDRINA

Por esse lado, sim, sempre se lucra.  
 Quem o tempo embelleza, a vida enflora,  
 Eu nunca me aborreço! o meu descanso  
 É passar de um trabalho a outro, sempre.

AMALIA

Lá vem o Samuel.

D. ALEXANDRINA

É muito estúpido.

AMALIA

Estúpido sómente?! Eu o conheço:  
 É mais alguma cousa. Traz-me flores!

## SCENA XII

D. ALEXANDRINA, AMALIA E SAMUEL

SAMUEL, com um maior ramo de flores

Com licença. Apresento este raminho,  
 Este novo buquê, todo composto  
 De flores nunca vistas...

D. ALEXANDRINA

Pelos cegos,  
 Que á luz meridiana inda tacteam.

SAMUEL

Por quem de ter bons olhos mui se ufana;  
Estas flores são novas, são modernas...

D. ALEXANDRINA

Nos tempos de Cabral já eram velhas  
Nos matos do Brazil; e se não crescem  
Nas beiras dos telhados ou nas praças,  
É que gostam das selvas e dos campos.

SAMUEL

Tudo sabe a senhora! tudo é velho  
A seus olhos, que outr'ora foram lindos.

D. ALEXANDRINA, para Amalia

Não retiro a palavra: ha papagaios.

SAMUEL

São mesmo agora o chique das madamas!  
Chamam-se flores de peito, porque o peito...

D. ALEXANDRINA

De peito me parece muita gente  
Que usa de navalha.

SAMUEL, approximando-se

Se é commigo,  
Perde o seu tempo, porque alto aspiro. (Pisa-lhe no pé)

D. ALEXANDRINA

Tão alto que não vê já onde pisa.

AMALIA

Vamos ler o divino rei da Italia?

SAMUEL

Não se digna aceitar? (Mostrando o ramo)

AMALIA

Ponha na jarra.

SAMUEL

(Á parte) Um despacho com ar de indeferido!  
 Esta ingleza, esta ingleza é uma tranca.  
 (Alto) Esperâmos do sul a cada instante  
 Um vapor, que talvez nos traga novas...

D. ALEXANDRINA

Vamos ler?

SAMUEL, a D. Alexandrina em meia voz

A senhora está de ponta..  
 Pois não brinque commigo, que a conheço.  
 (Alto) Deixe-me conversar com Dona Amalia,  
 E fallar de quem tanto nos lembrâmos.

AMALIA

Tem cartas para mim?

SAMUEL

Inda as não tenho.

AMALIA

Ando desconfiada! uma só carta?!  
 Quando Adolpho a meu pae escreve sempre!

SAMUEL

Tambem me não escreve! Com que gosto,  
 Se as tivesse, senhora, eu as traria.  
 Como vão seus paineis? Desejo vel-os.

D. ALEXANDRINA

Pois gosta de pinturas?!

SAMUEL

Sou artista.  
 Hoje dei um quinau a dois pintores,  
 Mas que grande quinau! Envergonhados,  
 Seu despeito cobriram com risadas.

D. ALEXANDRINA

Agora me demoro. Conte o caso?

SAMUEL

Fui hoje a S. Francisco, e vi defronte  
 De um painel dois pintores disputando:

É do velho Raymundo, é de Leandro,  
 Não é, tem outro estylo, é de estrangeiro,  
 Não tem nome de auctor. Salto-lhe á frente,  
 E lhe digo: Alto lá, que está bem elaro!

AMALIA

E o painel em questão, que representa?

SAMUEL

S. Franeisco de Paula.

D. ALEXANDRINA

Continue.

SAMUEL

Quer saber de quem era? De Xarítas?  
 O pintor o esereveu com tanto orgulho,  
 Que poz dentro de um sol seu nome, assento  
 Bem no meio do peito do bom frade!

(Grande gargalhada das duas damas, e espanto de Samuel.)

### SCENA XIII

SAMUEL, E GIL atrás da porta

D. ALEXANDRINA

Xarítas, Dona Amalia, isto é divino!

AMALIA

O conego Filippe inda está vivo!

(Fogem as duas ás gargalhadas...)

SAMUEL, pensando

Diria alguma asneira?! É impossivel!  
 O nome estava escripto, e eu tenho olhos.

GIL, áparte

Foi d'ella a gargalhada! está contente?  
 De certo, e se raspou! Agora vejo  
 O empenho que ella faz! quer ver-se livre.  
 Este mundo é composto de traidores! (Retira-se)

SAMUEL

Entre os meus por lapuz nunca passei.  
 Bem disse Dona Fulvia, que esta mestra  
 Em tudo se mettia. Foi-se rindo?  
 Pois bem, ha de ehorar: sou vingativo.  
 Quero vel-a a mil leguas d'esta casa;  
 É sempre quem me eorta as vasas todas.  
 Tenho gasto dinheiro eom espias,  
 E nada sei de eerto! O poderio  
 D'esta fina mulher tudo me encobre.  
 Se assim fosse. era faeil, punha o velho  
 Ciumento, fingia uma eartinha,  
 E ella ía passeiar. Eu sou eaipora!  
 Tanta bala perdida. . e esta abelhuda,  
 E aquella gargalhada!... eu desespero.

## SCENA XIV

SAMUEL E ELYSEU

ELYSEU

Nada sabe do expresso que ehegára?

SAMUEL

Um expresso do sul?

ELYSEU

Grande vietoria!

Perdemos muita gente. O regimento  
 De Adolpho e de meu filho, foi quintado!  
 Veja eomo hei de estar com tal noticia.

SAMUEL

Não se sabe dos nomes de alguns mortos?

ELYSEU

De um bem eonheido, que não digo.

SAMUEL

Será do nosso Adolpho? que desgraça!

ELYSEU

Sileneio; porque um pranto anteeipado.  
 Estou no mesmo caso.

SAMUEL  
Se o Adolpho. me entende? o pac não vive.

ELYSEU  
Silencio.

SAMUEL  
Pois morreu! e com certeza?

ELYSEU  
Assim corre.

SAMUEL  
Que é isto? estou tremendo!

ELYSEU  
A sua agitação mostra amisade;  
E essa gratidão.. Não tenho forças:  
Como um réu na antesala da sentença,  
Assim me sinto agora. Paciencia.  
Crear eheio de amor um pae seu filho,  
Vel-o homem, brilhar, e uma bala!

SAMUEL  
Mas do seu nada dizem? Calmo fique:  
As noticias ruins são sempre exactas.

ELYSEU  
Sem que o diga o governo, nada creio;  
Mas não deixo de estar n'esta anciedade.

SAMUEL  
Quer que eu vá aos jornaes?

ELYSEU  
Estão trancados.

SAMUEL  
Sempre transpira alguma cousa..

ELYSEU  
Nada.  
O povo é muito, e o supplemento é grande.,

SAMUEL  
Estou impaciente. (À parte) O meu bilhete  
Da grande loteria, tem a sorte

N'uma bala ou n'alguma baioneta.  
 Vou saber o que ha; não sei que sinto!

## SCENA XV

ELYSEU E D. FULVIA alguns instantes depois pela mesma porta.

ELYSEU

Pobre rapaz! vouu! é bom amigo.

D. FULVIA

Será certa a noticia que me deram?

ELYSEU

Que noticia, senhora? (Vira-lhe as costas.)

D. FULVIA

Pois não sabe?..

(Á parte) Malcreado! virar-me assim as costas.

Agora é que são ellas! Não a deixo.

Se apanho a casa e o mais, já não me importa

Que meu filho se case, e por lá fique.

(A Elyseu) Será certa esta nova desgraçada,

Que vae encher de lucto os que eu mais amo?

ELYSEU

Que nova? eu nada sei! Quem foi que a trouxe?

D. FULVIA

Não tenho coração para dizel-o...

ELYSEU

O que ouviu a senhora, diga, diga?

D. FULVIA

De seu filho, inda nada; mas de um outro..

Coitadinho. . que eu vi tão pequenino

Andar aqui brincando. . Era bonito!

Morrer, para deixar tão longe a noiva!

Coitadinha!.

ELYSEU

De quem teve a noticia?

D. FULVIA

De um amigo do morto, fonte limpa.

ELYSEU

Não tem nome esse amigo?

D. FULVIA

Tem, mas devo  
Conservar-o em segredo até mais tarde.  
Como fica esta casa! que desgraça!  
Coitado do Adolphinho..

ELYSEU

E Dona Amalia?

D. FULVIA

Chora; mas logo casa-se: tem dote:  
Assim dizia o Chico, o meu bom Chico.  
(À parte) É bom abrir caminho, ir semeando,  
E até comprometter: já sei do easo.  
(Alto) Casa-se logo, e penso que não longe...  
Olhe que eu tenho faro e olho fino!.

ELYSEU

Samuel?

D. FULVIA

Pintadinho! está morrendo.  
Já me fez confissão, e eu disse: espere,  
Que o outro ainda vive, e póde um dia...

ELYSEU

Se elle o sonha, é culpado, é eriminoso.

D. FULVIA

Qual sonha, coitadinho! eu é que digo  
Estas couças brincando.

ELYSEU

Brincadeira?!.

D. FULVIA

O senhor não eonheee as moças de hoje!  
Fingidas como que! Olhe, esta ingleza,

Esta herege, esta filha do tinhoso,  
É quem ha de esta casa pôr em lucto.  
Metteu-se-lhe nos cascos, sem juizo,  
De casar com Marçal.

ELYSEU

Se ella é casada!

D. FULVIA

Falci decentemente; não percebe?. (reticencia maliciosa)

ELYSEU

A senhora só pensa mal de todos!

D. FULVIA

E porque me afugenta ella de casa,  
D'esta casa, que ainda não é sua?!  
Se ella lhe pilha o sim, mata o marido:  
Eu ercio que as hereges não tem alma.

ELYSEU

Mas tem mais caridade.

D. FULVIA

Que esperanza!

Casada, manda vir logo um parente,  
Um mono ruivo, para o dar á Amalia,  
Que ha de o dote beber-lhe em dez mil grogues.

ELYSEU

E que tenho eu eom isso, que me importa?  
Quer vossê.

D. FULVIA

Alto lá, senhor meehanieo,  
Que eu tenho senhoria.

ELYSEU, irritado

Tenha o diabo;

Mas não passa de triste choealheira.

D. FULVIA

Eu?! que os meus segredos não confio  
Ao padre confessor! eu? que não fallo.

ELYSEU

Quem lhe disse que Adolpho já não vive?

D. FULVIA

Estou calada.

ELYSEU, apertando-lhe o braço

Diga, se não perco-a.

Considere o que faz. (Falla-lhe ao ouvido, e ella fica espavorida)

D. FULVIA

É uma calumnia!

ELYSEU

Ha testemunhas. Morta. . de pancadas.  
Responde ou não responde?

D. FULVIA

Ai, desgraçada?

Samuel foi quem m'o disse, ali na escada;  
Mas pediu-me segredo.

ELYSEU

Vejo claro,  
Mandou a campainha de enforcado  
Aterrorar toda a casa! Que maroto.  
Senhora, pouco a pouco vá fugindo  
D'esta casa, se não. . tome cuidado.

D. FULVIA

Mas olhe que eu sou boa, muito boa.  
Eu não mato uma pulga, que me morde.

ELYSEU

Vossê não é mulher, é uma cobra.

D. FULVIA, alto

Eu tenho senhoria! . . .

ELYSEU

Honre-a.

D. FULVIA, fugindo um do-maio. . .

Eu morro.

ELYSEU

Ficava esta cidade um paraizo.

D. FULVIA, erguendo-se logo em furia

Se eu não fosse uma dama, ia-lhe ás ventas. (Fica de punhos no ar)

## SCENA XVI

ELYSEU, D. FULVIA E MARÇAL

MARÇAL, para D. Fulvia

O que tem a senhora?

ELYSEU

Tem vestidos,  
Que lhe apertam nos hombros. Está gorda!

D. FULVIA, para Marçal

Descjo-lhe fallar muito a comprido,  
Porque tenho segredos importantes..

MARÇAL

Não tenho tempo agora. O meu amigo...

D. FULVIA

Antes de ouvil-o, quero que me escute,  
As senhoras tem sempre a preferencia.

MARÇAL

Queremos estar sós.

D. FULVIA

Cinco minutos

MARÇAL, batendo o pé

Temos negocios...

ELYSEU

Vá-se embora, psio.

D. FULVIA

Expulsar-se uma mãe, que vem afflicta  
Saber novas de um filho, é crueldade!  
Com licença. Ai de mim, pobre viuva...

MARÇAL

Não me faça comédias, vá p'ra dentro.

## SCENA XVII

ELYSEU E MARÇAL

ELYSEU

Amigo, esta mulher é perigosa.

MARÇAL

Tem na bôca as torneiras da cidade.

ELYSEU

Que novas traz o amigo? estou em ancias.

MARÇAL

Soube que Samuel chorando entrára  
 No escriptorio, e saíra de repente!  
 Fiquei sem sangue e alma, e logo, logo  
 Fui aos jornaes saber das novidades.  
 Gente immensa nas portas! impossivel!  
 Soube no Mercantil, que com despachos  
 Viera um capitão, e que a victoria  
 Foi cara, mas completa. Esperaremos.  
 Dizem que ha luminarias, eu abstenho-me  
 Té saber se meu filho é vivo ou morto.

ELYSEU

Deseanse, que está vivo. Tive um sonho,  
 Que não posso explicar se é bom se é triste.  
 Esperemos agora pela volta  
 Do senhor Samuel, que anda chorando...

MARÇAL

Se é amigo de Adolpho.

ELYSEU

Deve sel-o,  
 Mas chora antes de tempo, e eu não gosto  
 D'estas almas sensiveis, sem motivo:  
 Sou pae, sou mais que amigo, e inda não choro!

MARÇAL

Tem queixa contra elle, fez-lhe alguma?  
Diga tudo, porque n'estes tempinhos  
Não sabemos com quem contar se póde.

ELYSEU

Não tenho-a pessoal. Não gosto de homens,  
Que choram sem saber se ha causa certa.

MARÇAL

Não lhe digo isto em vão; porque de ha tempos  
Me anda não sei como! Vejo-o ás vezes  
Distrahido, e esquecer-se dos negocios.

ELYSEU

Quem sabe se um amor secreto o punge?

MARÇAL

Temendo alguma cousa, dei balanço,  
E achei tudo conforme.

ELYSEU

Amor mais serio!..

MARÇAL

Póde ser, é rapaz, e eu não inquirio.  
O amigo bem concebe o como eu ando.

ELYSEU

De longe a dor se augmenta, porque lueta  
Co'a esperança esaudade, co'a incerteza... (Trovoada ao longe)  
Trovoada?!

MARÇAL

São duas; cá vem outra.

ELYSEU

Tem rasão, que ouço uma e vejo a outra.

## SCENA XVIII

ELYSEU, MARÇAL E D. FULVIA

D. FULVIA

Faço uma cruz na porta. Vou-me embora;  
Vou perder minha roupa, expor-me á chuva.

Dona Amalia expulsou-me do seu quarto,  
Porque a ingleza lh'ò disse, Entendi tudo.

MARÇAL

Sabe inglez a senhora?!

D. FULVIA

Não preciso.  
O meu Chico sabia. Entendo tudo.  
A ingleza tem-me odio, porque sabe  
Que lhê sei da vidinha e dos intentos  
De chimpanhar o que sei... estou calada.  
Porque viu no theatro italiano;...  
Anda agora fazendo pantomimas,  
Fingindo-se somnambula! que bello!  
Póde entrar pelos quartos... é somnambula!  
Sabe rezas, vê cousas que estão longe...  
Que partes de uestraça!... Não me empulha.

MARÇAL

De vagar, Dona Fulvia, tenha modos,  
Que essa lingua vae longe e corta á grande.

ELYSEU

Parva em tudo; saloia na malicia!

D. FULVIA

Se quer pontos nos is, já ponho todos!  
Se fosse homem, tinha nojo d'ella,  
Basta não ser christã. (Ouve-se um trovão)  
Ai, Santa Barbara.

MARÇAL

Se prosegue, se diz meia palavra,  
Vou já pol-a na rua.

D. FULVIA

Estou calada.  
É mesmo o que eu pensava. (Trovão) S. Jeronymo!  
Quem ousava enxotar-me meu bom Chico!!  
Tinham medo de ti, ou precisavam  
Do teu voto nas suas trapalhadas.

## SCENA XIX

ELYSEU, MARÇAL, D. FULVIA E SAMUEL

D. FULVIA. a Samuel

Tambem ha de ennotar-me, diga, diga? (Trovão forte,  
D. Fulvia corre para o sophá e cobre a cabeça com o chaile)

MARÇAL

Que noticias me traz do meu Adolpho?

ELYSEU

E do meu Marciano?

SAMUEL

Estou molhado!

MARÇAL

Seja breve, e vá já mudar de roupa.

SAMUEL

Direi o que colhi de positivo.  
Por amor de meu amo, fui a berdo!  
Que mar está fazendo!

MARÇAL

Ser-lhe-hei grato.

SAMUEL

Cuidei cá não chegar!

ELYSEU

Chegou, chegou.

(Á parte) Este homem vem mentir: aqui ha cousa.

MARÇAL

Antes que se resfrie, e que adocça,  
Nos diga o que lá soube com certeza?

SAMUEL

Mal toco o portaló do barco, encontro  
O primo Fortunato..

ELYSEU

O commissario?

SAMUEL

Justamente, e contou-me o que se segue:  
 Veiu um major ferido com despachos,  
 Com bandeiras...

MARÇAL

Seu nome?

SAMUEL

Silva.

MARÇAL

Deus!

Se fosse o meu Adolpho.

SAMUEL

Que esperança!

ELYSEU

E depois?

SAMUEL

Foi levar tudo ao governo.  
 Sei que entrámos no solo do inimigo;  
 E ácerca da batalha e da tomada  
 Do tal Passo da Patria, ha tanta cousa,  
 Que é escusado dizer, porque são boatos.

MARÇAL

Mas diga esses boatos?

SAMUEL

A acção foi disputada; nós perdemos  
 A flor da mocidade. O regimento  
 De seus filhos, senhores, foi quintado.  
 Ha nomes conhecidos... mas quem sabe?!  
 E eu não ousou afirmar... Só tenho lagrimas...

MARÇAL

Não pôde ser. Adolpho vive, oh! vive.

SAMUEL

É esse o meu desejo.

ELYSEU

E o Marciano?

SAMUEL

Esse sim, está vivo; ha quem o visse.

MARÇAL

Pois meu filho.. morreu? eu tambem morro.

ELYSEU

Meu amigo, os boatos são lufadas;  
Não deixe dar-lhe em cheio, porque passam.

MARÇAL

Má nova sempre é certa. (Desfallecendo)

SAMUEL

É a verdade.

ELYSEU

Venha agua de Colonia ou outra cousa...

SAMUEL

Não é nada, isto passa.

ELYSEU

Não é nada?!

O senhor me parece.

D. FULVIA, com um frasquinho

Eu mesma boto.

ELYSEU, com cuidados

Meu amigo Marçal, não é verdade.

MARÇAL, delirando

Verdade, sim, verdade.. Oh Deus! verdade...  
E tanto pedi a Deus. .

## SCENA XX

TODOS E AMALIA, precipitadamente

E Deus o ouviu!

Porque Adolpho voltou e já está no Rio.

MARÇAL

Quem o viu! quem fallou-lhe, dizê, oh filha?

AMALIA

A santa, que em si tem um Anjo occulto.  
Eil-a, silencio! Respeitae-a. Avança.  
Tem o corpo no mundo, a alma nos céus.

## SCENA XXI

TODOS E D. ALEXANDRINA em estado de somnambulismo

D. ALEXANDRINA, a passo lento e magestoso

Gloria ao Padre, e a scu Filho, e ao Santo Espirito,  
E á rainha dos céus, que ovante esmaga  
A fronte da serpente, e salva o justo.  
Marçal, louva o Senhor, teu filho vejo!  
Abre-lhe os braços, para ti caminha,  
Tendo na fronte os louros do heroismo!  
Vem, oh filho querido, amor te espera. (Ajoelha-se)

SAMUEL, escarnecendo

Que comedia ridicula, que farça!..

D. FULVIA, a Samuel

E assim o velho embaça, e casa co'elle!

D. ALEXANDRINA, ergue-se com os olhos no céu

Do Archanjo do Senhor, a prumo a espada  
Sobre a fronte do mau minaz fulgura;  
É de fogo, e devora os ruins espiritos.  
As lagrimas dos justos são fecundas;  
Das plantas do Senhor já descem flores!  
São a o'ra immortal do justo e a justa.  
O descrente vae ser punido agora.

AMALIA, junto a Marçal

Anime-se, por Deus; fé; nada tema.

D. ALEXANDRINA

Põe-lhe a mão sobre o peito, e ora, oh filha!  
A oração vence o raio, afasta a morte.

(Samuel aproxima-se de Marçal. e D. Alexandrina o empurra)

Arreda-te maldito! (Samuel soffre um abalo grande)  
 (D. Alexandrina observando Marçal) Já desee, o sangue  
 Já se espalha nos membros, corre a vida!  
 Amalia, mais fervor; ajunta ao fluido  
 Uma pia oração. Bem; está salvo.  
 Será breve o seu somno. Como dorme!  
 O fluido de Marçal é uma aureola  
 De suave esplendor. Parece um santo!

SAMUEL, espiando, diz baixo a D. Fulvia

Creio que já morreu!

D. FULVIA

Já não respira!

D. ALEXANDRINA, olhando para todos

Que fluidos variegados! que naturas!  
 O d'esta é côr de terra; o d'este é fumo!

D. FULVIA, á parte e afastando-se

Esta mulher faz medo!

D. ALEXANDRINA

E grande medo.

Vê vossos pensamentos.

SAMUEL á parte

Nanja os meus:

Não creio em bruxarias e imposturas.

D. ALEXANDRINA

Tu só erês na materia, e em ti, só esta, (Aponta para Fulvia)  
 Alma de abutre, coração de hyena.

(A Samuel) Se não erês, erê agora. Desejaste

Do filho e pae a morte, para unires

Essa mão de carraseo á mão da virgem.

Não a logras, vilão: Deus a protege. (Ouve-se o trovão)

Eseuta a voz do céu, treme malvado!

Propalaste, com mira eriminosa,

De Adolpho a morte..

SAMUEL, interrompendo-a

Mentes, embusteira.

D. ALEXANDRINA

E a Fulvia, antes de todos...

D. FULVIA

Oh! que aleive!!

ELYSEU

É verdade, senhora, ella m'ò disse!

D. ALEXANDRINA

Aqui em cima, lá em baixo e pelas ruas,  
Mas pedindo segredo a toda a gente.

AMALIA

O que eseuo, meu Deus, será possível?!

SAMUEL, á parte

Que espias tenho á roda! ou esta Fulvia?!...

D. ALEXANDRINA

Tu não foste a bordo, foste ao antro  
Da ladra que o porvir vende em seus jogos,  
E vive de outros crimes. Nega? Oh! dize  
O que faz a teu lado esse indio armado  
De trabuco e terçado, ao qual tu mostras  
Adolpho lá bem longe! Não respondes?

AMALIA

Pois ainda outro crime?!

D. ALEXANDRINA

Isto é um abysmo!

(Com força) Assassino..

SAMUEL

Senhores! d'esta injuria

Eu querélo, e me sejam testemunhas.

D. ALEXANDRINA

Todos serão; mas antes tira as cartas  
Que tens no bolso, as eartas que escreveram  
Adolpho á pobre Amalia, e clla a Adolpho!  
Estão todas abertas! Fulvia as lêra!

D. FULVIA, á parte e tremendo

Aqui anda o tinhoso! ou ella adivinha!  
Se eu pudesse fugir. não tenho pernas.

D. ALEXANDRINA

O remorso é grilhão. Vossês não fogem.

AMALIA

Samuel! Minhas cartas?

SAMUEL

Não as tenho.

D. ALEXANDRINA

Segura-o, Elyseu. Fechem-se as portas.

SAMUEL, á parte

Se eu tivesse um punhal, um tiro, um raio

D. ALEXANDRINA

Que farias agora? que estás morto  
Para Deus, para o mundo, e para tudo!  
Restitue essas cartas.

AMALIA, com força

Minhas cartas?.

SAMUEL, todo tremulo

Eu juro que as não tenho..

D. ALEXANDRINA

Mentes, monstro.

AMALIA, indo para elle

Eu quero as minhas cartas. (É repulsada)

ELYSEU

Miseravel!

Pois tal ousas?! Espera.. (Elyseu avança para Samuel, põe-lhe  
as mãos nas guélas, ha lucta, mas Samuel cúa suffocado...)

SAMUEL, dando urros

Não, não.. tenho..

(Faz esforços, Elyseu aperta-lhe as guélas a mais. Cae no sophá. Fulvia cobre a  
cabeça. Elyseu mette-lhe a mão na algibeira. tira uns papeis, que Amalia re-  
cebe.)

AMALIA

Não é isto!

D. ALEXANDRINA, vae ao outro lado

Segura-o. Cá estão ellas! (Entrega tudo a Amalia)

AMALIA, vendo as cartas

São bem d'elle!

D. ALEXANDRINA, tirando um revolver

Larga o perverso. (Para Samuel) Se te moves, morres.  
 Abre tudo, e verás. Eis a denuncia  
 Ao chefe de policia! Ahi estão seus crimes.

SAMUEL, estorcendo-se

Onde estou, nada vejo, tudo é sangue!  
 Sinto espinhos de fogo na cabeça!  
 Eu fico louco! fico. (Apalpando-se) Estou roubado!  
 (Amalia mostra-lhe as cartas, e elle mais se apalpa.)  
 Roubado! Estou perdido...

D. ALEXANDRINA

Não; punido.

(Samuel dá uma gargalhada convulsa; alça-se, rola os olhos, e cae em ancias. Toca a campainha e vem dois creados.)

Ámanhã se ha de erguer louco, e sem falla,  
 E louco morrerá, cheio de horrores.  
 Arreda esse cadaver, seja preso. (Levam-no)  
 Marçal vae despertar, que elle o não veja.  
 Sinto os passos de Adolpho, sobe a escada!  
 Cumpri minha missão, salvei-te, oh Anjo.

## SCENA XXII

MARÇAL, AMALIA, ELYSEU, D. FULVIA, e logo ADOLPHO

AMALIA

Adolpho! Grande Deus! Meu pae, é elle!

MARÇAL, pasmado

Elle quem? Oh! meu Deus! Meu filho! Adolpho?!

ADOLPHO, abraçando-o

Eu mesmo, caro pae.

AMALIA, estendendo-lhe os braços

Não te mereço?!

MARÇAL

Consinto, já são noivos; quero unil-os.

AMALIA

Então, sor Elyseu! inda duvida?

ELYSEU

Penetrou-me n'esta alma outro universo!

AMALIA

Inda bem, sois mais um, que a Deus caminha.  
A creença fortifica, acalma e vence:  
Onde cessa a saudade, dorme a esperança.

MARÇAL

Que fortuna impensada! Sinto-me outro.

D. FULVIA, fugindo tropega

O demonio anda aqui! e aquella bruxa!!.  
Vou seis mezes ficar sósinha em casa,  
Antes que esta mulher me enguice ou mate. (Foge)

ELYSEU

Que noticias me traz do Mariano?  
Ficou bom, tem subido, está contente?  
Não me escreve, e ha dias tive um sonho.  
Dizei-me: onde está elle, vive?

ADOLPHO

Vive

No Pantheão da gloria. Sou correio  
De um recado e de um mimo como este!  
(Mostra-lhe o habito do Cruzeiro que traz no peito)

AMALIA

A Ordem do Cruzeiro! Olhe, meu tio!

MARÇAL

Não reparei, meu filho! Um novo abraço.

AMALLA, vendo-os abraçados

São dois peitos iguaes; um vale o outro.

ELYSEU

Eu tambem hei de ver assim meu filho...  
(Á parte, triste) Se o não vi n'esse sonho tão fatidico...

MARÇAL

Quando e como o ganhaste? Estas victorias  
Tem um echo orgulhoso na familia.

ADOLPHO

Entreguei ao Osorio uma bandeira  
Regada com dois sangues inda frescos,  
O meu, e o do infeliz que a defendeu.

AMALIA

Não voltas mais, não quero, não te deixo.

MARÇAL

Vou pedir cinco mezes de licença,  
E até lá na Assumpção tudo se acaba.

ELYSEU

Se os meninos aqui fallassem menos...

ADOLPHO

O futuro é de Deus. O paraguayo  
É valente e audaz. É o homem virgem,  
Não corrupto por luctas fraticidas,  
Nem exemplos de discolos; combate  
Com fanatico ardor, com heroismo;  
O que é n'elle illusão, em nós é um dogma:  
Elle serve a um senhor, e nós á patria.

ELYSEU

E os nossos voluntarios?

ADOLPHO

Sobre humanos.  
Soldados que mal comem, que mal dormem,  
Que velam de arma ao hombro, sempre alegres,

Sorrindo á lide e á morte, só nós temos.  
 A flor da juventude, a creme, o mimo  
 Dos saraus, a elegancia, dada ás letras,  
 Nascida no frouxel de ricas sedas,  
 Cercada de aúreos pagens, de delicias,  
 Lá tem por toucador a tenda errante,  
 Por leite e por banquete o chão e a etapa!  
 O douto, o rico, o pobre e o fazendeiro  
 São escravos de si, servos de todos,  
 Porque ali os irmana a fé e a sorte.

ELYSEU

Outro sangue moral vae alentar-nos  
 As frouxas veias pelo torpe egoismo,  
 Pela intriga e fallacia dos que a patria  
 Mergulharam no ventre...

MARÇAL

Basta, amigo,  
 Deixemos esses ralhos, que entristecem.  
 Meu Adolpho, colloca nos teus labios  
 Esses bellos paineis, ora tão gratos;  
 Reverdece em minha alma aquelles tempos  
 De fé e de heroismo. Oh! nada esqueças.

ADOLPHO

O que acabo de ver, nos presagía  
 Grande e amargo triumpho. O que hei lá visto  
 Vale mais do que o bronze, do que o porphydo,  
 Vale um hymno do genio, uma epopeia!  
 O dia dez de abril, — diz Benedicto, —  
 Foi da gloria o prefacio. Eil-o, escutae-o:  
 «Bem como aos pés de Roma acurvo um saffio  
 Rei da Hercynia hyperborea, humilde verga  
 A cerviz indomavel, tal n'est' hora  
 O sedento jaguar no bivio infesto  
 Em que traga dois sangues, roja a fronte.  
 Caio convulso e exsangue, quando o grypho  
 Bragantino lhe poz no peito as garras,  
 E ovante lhe bradou: Morre tyranno.»

AMALIA

Como tens tão sublime!

MARÇAL

Bravo, Adolpho!

ADOLPHO

Benedicto é quem falla; é o vate egregio,  
 Que afina a lyra pelo amor da patria,  
 Mede o verso ao troar da artilheria,  
 E canta ao passo triumphal da gloria.  
 Eil-o ainda, escutae-o: «O céo se nubla,  
 Geme a natura, o coração vacilla  
 Entre dois polos, — esperança e morte.  
 Da tuba marcial recruza os arcs  
 O gellido clangor: victoria ou morte.  
 E o passivo soldado tem sua alma;  
 Sua fé, seu porvir na voz do chefe  
 Que o conduz sem tremer. Cobre-o do Hymno  
 A voz da patria! Marcha, esquece a morte,  
 Avança, dobra o passo, a terra treme!  
 Como dois raios, que no ar pelejam,  
 Rebomba a artilheria, é tudo fumo!  
 Furentes hostes pela riba em faina,  
 D'onde fera pocema horror espalha,  
 Vomitam sobre nós tigres sangrentos  
 Co'a bôca hiante, com tições nos olhos!  
 Que horrivel confusão! Foge o espirito,  
 O alto insufflo de Deus, só fica a fera,  
 E a fera ou mata ou morre. Oh! crua marcha!  
 Onde pisa o que vence, abre-se um tumulo!  
 Avante, beerra o bronze, csputa a morte,  
 E as massas irriçadas rugem, troam  
 Pororócas de sangue. Assim nos Andes  
 Coroados de raios, rola a neve,  
 Que os valles em cachões ruidosos fundem  
 Sobre os pñgos fragosos, cspumantes,  
 Que ao mar em turbilhões selvas arrastam!»

ELYSEU

A pintura é valente!

ADOLPHO

É um fragmento

Da ilha da Victoria.

AMALIA

Tristes louros.

ADOLPHO

Não ha sol sem eclipse, não ha riso  
 Que a tristeza não nuble co'uma lagrima.  
 Todos viram Cabrita, o bravo, o heroe,  
 Quando ovante escrevia, cair morto:  
 Uma bala arrancou-lhe a penna e a vida!  
 Lá jaz, e illustra a gleba memorável  
 Onde o patrio dever honrou-lhe as cinzas.

MARÇAL

Pois não foi n'esta acção?

ADOLPHO

Na immediata,  
 Quando o solo inimigo perlustrámos.

ELYSEU

E meu filho?

ADOLPHO

Esperae, d'elle já fallo.  
 Sete dias á mira e escuta, em ancias  
 Decorreram sem mostras aggressoras,  
 Preciso era avançar. Eu pasmo sempre  
 Quando recordo o sobrehumano arrojio  
 De um punhado de heroes, digno de espanto!  
 Buscando assento ás tendas brazileiras,  
 Vadeia o Paraguay o grande Osorio,  
 Seguido de um piquete, digno d'elle!  
 Mal pisa do inimigo a plaga infesta,  
 Surge-lhe á frente, pocemando em furia,  
 Embuscado esquadrão, raça ferina  
 De velozes centauros, ouriçados  
 D'ingentes lanças, ledos prelibando  
 Nosso sangue, e certos de em tal presa  
 Mil derrotas poupar. Osorio, o grande,  
 Não recúa, e aos seus brada: Avancemos!  
 E os treze combateram, sempre incolumes!

MARÇAL

É possível, meu Deus?!

AMALIA

E não morreram!

ADOLPHO

Não morreram, Amalia. O Anjo Custodio  
 Protector d'este Imperio, os protegia.  
 Vinha a onda, e sumia-os; outra onda  
 Afogava-os em pó; ninguem os via.  
 De repente, quaes pedras que a ressaca  
 Parece erguer das ondas, resurgiam  
 Aqui e ali voando, abrindo campo,  
 E no ar só cadav'res espalhando!  
 Salvam as vidas, derramando a morte.

ELYSEU

E não houve soccorro?!

ADOLPHO

Prompto e rapido.  
 Passa a torrente um batalhão de bravos,  
 Noveis na guerra, em brio veteranos.  
 Era o meu batalhão.

ELYSEU

Ía meu filho?

ADOLPHO

E o nosso Benedicto. Salta, vóa  
 E onde os treze combatem, ferem, matam,  
 Granisâmos pelouros, — Mão de Deus! —  
 A hoste ganha a selva, é nosso o campo!  
 Cada um d'esses homens pareceu-nos  
 Tocar eo'a fronte os céus! Á uma, todos  
 Bradámos: General, sois invencivel!

MARÇAL

Bella entrada foi essa!

ADOLPHO

Não parâmos.  
 « Seja o dia completo, brada Osorio,  
 « Camaradas, marchemos ao reduto. »  
 E a lança borneando, á frente vóa!  
 Foi só posse. A esquadra, que avançara,  
 Abatcu-lhe o pendão. Fugiram todos.

ELYSEU

E meu filho?

ADOLPHO

Já lá vou.

ELYSEU

Isto electrisa.

ADOLPHO

Ao ver-nos triumphar, despede o imigo  
 Contra nós a reserva, gente ousada,  
 A flor de seus soldados. Oh! bem digna  
 De outro chefe servir, de uma outra causa.  
 Contra nós arrancaram como loucos,  
 Ou ebrios elephantes. Foi sangrento  
 O recontro, e cruel! A ferro frio  
 Pelejámos tres horas como feras!  
 Face a face esbarrei com um indio enorme,  
 Patagão na estatura e tigre n'alma,  
 Que a rugir incutia horror e espanto.  
 Era um portabandeira. Grito: Rende-te.  
 E o maldito dispara-me o revolver!  
 N'um lampo lhe embebi no peito a espada;  
 Vou tomar-lhe a bandeira, e semimorto,  
 Babando sangue, com a mão tremente,  
 Outro tiro despede, que estrugiu-me  
 Como um raio na frente. Tomo-lhe a haste,  
 Mas caí tonteado, e não sei como  
 Co'a bandeira me achei na mão alçado.  
 Agradeço-lhe a marca, eis a ferida.  
 A teus olhos, Amalia, assim mais bello  
 Não serei d'ora ávante?

AMALIA

Não perguntes.

A cicatriz de um bravo é uma aureola,  
 Que a frente glorifica, é um louro eterno.  
 Tinhas em ti occulto um ser mais grande,  
 Que agora vejo triplicar teu merito!  
 Tinhas rasão: A valvula sagrada  
 Dos grandes corações está na Patria

MARÇAL

Se á pedra basilar uni meu sangue,  
 Tu hoje ergues os muros d'este imperio,

Que um dia hão de chegar ao céu da gloria:  
Obreiro do futuro, ávante. Salve!

ELYSEU, impaciente

E meu filho?

ADOLPHO, tirando do seio uma caixinha, que abre

Aqui tem esta venera!  
Dá-lh'a, Adolpho... expirando, disse o bravo!

ELYSEU

Morto!

ADOLPHO

Não; vivo e eterno na memoria  
Dos que o viram morrer, sorrindo á patria.

MARÇAL, depois de um profundo silencio

Amigo, quanto sinto...

ELYSEU, como que despertado

Dê-me emboras. (Pasma geral)

Morreu pelo Brazil! Deus o corôa  
Com as palmas da gloria e do martyrio.  
A causa é santa, e a recompensa eterna!  
Meu caro filho, meu amor mais puro,  
Minha esperança e sonho da velhice,  
Não condemnes meu pranto de saudade.  
Foi fiel o meu sonho! Eras tu mesmo,  
De palma sideral ao céu subindo,  
E risonho a dizer-me o adeus extremo.  
Tu não has de morrer. Eu quero, oh filho,  
Que tenhas duas vidas, que inda voltes  
Triumphante ao Brazil, e que teu nome,  
Á chamada no campo, ouçam os bravos.  
Vou tomar o teu nome, vou á guerra;  
Não me chamo Elyseu, sou Marciano,  
Vou teu posto ocupar. Parto hoje mesmo;  
Levo esta venera, quero herdal-a.  
Adeus, amigos, vou vingar meu filho.

## SCENA ULTIMA

TODOS, MENOS ELYSÉU

MARÇAL

Grande foi sua magua! a dor seecou-lhe  
Na fragoa do soffrer o pranto humano!

ADOLPHO

É maior dó que o filho, que era immenso.  
Que elegia lhe fez o Benedicto!

MARÇAL

Foi impressa?

ADOLPHO

Foi gravada em sessenta e dois mil peitos.

AMALIA

Eis os polos da vida: pranto e riso.

(D. Alexandrina que dormia, acorda mui serena.)

D. ALEXANDRINA

Perdoae-me, se venho interromper-vos.  
Esta noite irá longe um desgraçado,  
E eu aqui não fieo. Outros deveres  
Me obrigam d'ora ávante. Tenho um filho.  
Cumpri esta missão. Eu agradeço  
Tanto affecto...

MARÇAL

Inda não. Oh! é bem justo  
Que quem deu boas novas, d'ellas gose.  
Sois sempre da familia. (Ouve-se musica)

ADOLPHO

Já, por certo,  
As noticias que eu trouxe estão nas ruas.

MARÇAL

Illumine-se tudo n'esta casa.

AMALIA, da janella

Quanta gente, meu Deus, que alegres vivas!  
Para cá se encaminha! Eil-a na porta.

**Que marcha tão alegre!** (Samuel dá urros, bate na porta do quarto, e dá uma gargalhada discordante)

SAMUEL, dentro

Já estou rico,  
Bem rico; vou-me embora, vou me embora...

ADOLPHO

Aquella voz! que é isto?

AMALIA

É Samuel!  
É o louco do remorso.

ADOLPHO

Eu quero vê-lo.

AMALIA

Recúa, é um assassino.

D. ALEXANDRINA, alto

A escada sobem,  
Vamos já recebê-los. (Vão á porta, menos ella. A musica entra)

SAMUEL, solta um rugido abafado

Santa musica!  
É o algoz no triumpho?! Roma exulta!

Marçal, Amalia e Adolpho vão á porta da sala receber a sociedade Campesina, que entra precedida pela sua philharmonica, tocando a marcha dos Voluntarios da Patria. D. Alexandrina vae recuando e colloca-se n'um angulo. O presidente e o secretario dão as mãos a uma menina vestida de uma tunica roçagante, de azul celeste recamada de estrellas.

Formado o semicirculo, o presidente conduz Adolpho ao centro, e este dá as mãos a Marçal e Amalia.

A menina alça uma corôa de louros, e faz signal de querer coroar Adolpho, e este a recebe ajoelhado. Depois recebe um abraço de Marçal, e quando Amalia o vae abraçar, elle colloca-lhe a corôa na cabeça.

PRÉSIDENTE, chega á janella da rna, e solta estes vivas

Viva Sua Magestade o Imperador.  
Viva a Nação Brasileira.  
Vivam os Voluntarios da Patria.  
Rompe o hymno nacional.

FIM DO DRAMA











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).